

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Gustavo Santos Mamani

**ANÁLISE DA DINÂMICA DE DESLOCALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA
TÊXTIL NO BRASIL (1995-2021)**

Santa Maria, RS
2023

Gustavo Santos Mamani

**ANÁLISE DA DINÂMICA DE DESLOCALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO
BRASIL (1995-2021)**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
a obtenção do título de **Bacharel em Ciências
Econômicas**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sibele Vasconcelos de Oliveira

Santa Maria, RS
2023

Gustavo Santos Mamani

**ANÁLISE DA DINÂMICA DE DESLOCALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO
BRASIL (1995-2021)**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
a obtenção do título de **Bacharel em Ciências
Econômicas**.

Aprovado em 02 de fevereiro de 2023:

Sibele Vasconcelos de Oliveira, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Ednalva Felix das Neves, Dr^a. (UFSM)

Ricardo Heli Rondinel Cornejo, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

Ofereço à minha mamãe, *Maria Cleonice*, a quem eu devo tudo nessa vida.

“Quando vocês acham que as pessoas morrem? Quando levam um tiro de pistola bem no coração? Não. Quando são vencidas por uma doença incurável? Não! Quando bebem uma sopa de cogumelo venenoso? Não! As pessoas morrem... Quando são esquecidas.”

Dr. Hiriluk

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, a quem confio minha vida e sei que independentemente do lugar que eu esteja, ele estará sempre ao meu lado, junto ao meu anjo da guarda que sempre me protegeu e me protegerá.

Agradeço do fundo do meu coração à minha Professora e Orientadora Sibebe Vasconcelos de Oliveira. Muito obrigado por tudo que passamos juntos e todos os ensinamentos que você me passou. Obrigado por cada palavra, sugestão e até mesmo o puxão de orelha. E muito obrigado por aceitar esse desafio de ser minha orientadora e não desistir de mim.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria por abrir suas portas e me receber da melhor forma possível. Obrigado por ter me dado a oportunidade de estudar em um ensino público de qualidade. E agradeço a todos os funcionários que já passaram por essa maravilhosa universidade, vocês movem o coração dessa cidade.

Agradeço à própria cidade de Santa Maria e principalmente ao incrível bairro de Camobi, que desde que cheguei sempre fui muito bem recebido por todos. Sempre estará no meu coração.

Agradeço a todos os professores que já passaram em toda a minha vida, desde a professora do pré-fundamental que me chamava de Gugu, até hoje aos meus professores da graduação. Obrigado por tudo.

Agradeço aos meus amigos e companheiros: Yasmin Nachtigall, Erick Dias, Eliane Fischborn, Natielli Witt e Amanda Dockhorn; amigos que eu tive o prazer de conhecer e conviver todos esses anos em que estive em Santa Maria. Tenho uma história individual com cada um de vocês, mas o sentimento de amor é o mesmo. Obrigado por me acompanharem e estarem sempre presentes na minha vida. Vocês sempre estarão comigo e não esquecerei de vocês jamais.

Agradeço também a meu amigo e irmão Josué Walhbrinck, uma das melhores pessoas que poderia conhecer na graduação. Foi meu primeiro amigo nesta jornada, passamos por tudo que é situação juntos, mas sempre levando no bom humor. Te levarei para sempre comigo!

Agradeço a todos os demais amigos que estiveram presentes em todos esses anos. Vocês também foram fundamentais para que isso acontecesse.

Agradeço mais do que tudo a minha família. Só estou aqui hoje por causa de vocês! Meu irmão Geraldo, a pessoa que sempre cuidou de mim e que me ensinou muito nessa vida. Minha irmã Janet, que até hoje acho que tem 7 anos, você sempre será minha irmãzinha. Meu irmãozinho Leonardo, o menor de todos, uma das melhores coisas que poderia acontecer a

minha família. Meu pai Alberto, que sempre trabalhou muito por essa família, sempre deixou de lado muita coisa para cuidar de todos, você é o maior. E claro a minha eterna rainha, minha mamãe Maria Cleonice, a pessoa que mais me cobrou e que mais me apoiou nessa vida. Você é e sempre será a melhor e maior mulher desse mundo para mim. Te devo tudo!

E por fim a pessoa mais especial que a vida poderia me dar, minha melhor amiga e a mais bela de todas, Vanessa Francine Garcia. Não existem palavras nesse mundo para descrever 1% do que eu sinto por você. Cada segundo que passamos juntos, durante todo esse tempo em Santa Maria, nem os melhores roteiristas poderiam escrever. Obrigado por fazer parte da minha vida.

RESUMO

ANÁLISE DA DINÂMICA DE DESLOCALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL (1995-2021)

AUTOR: Gustavo Santos Mamani
ORIENTADORA: Sibeles Vasconcelos de Oliveira

A indústria têxtil brasileira é de elevada relevância na economia do Brasil, responsável pela geração de emprego e renda. Contudo, o mercado de trabalho da indústria têxtil, acabou sofrendo complicações a partir da década de 1990. Neste período, a valorização da moeda com o Plano Real e a abertura econômica desencadearam um processo de ampliação das importações vindas, principalmente, da Ásia. Sendo assim, o presente estudo objetiva analisar as dinâmicas do mercado de trabalho da indústria têxtil na Região Sudeste do Brasil e suas interfaces do processo com a abertura econômica e interiorização da produção têxtil no país. Para tanto, realizou-se pesquisa de caráter quali-quantitativo. Dentre os principais resultados, identificou-se que após abertura comercial, a indústria têxtil brasileira não conseguiu competir com os baixos valores dos produtos asiáticos, principalmente pela indústria nacional estar defasada em comparação a indústria asiática. A China a partir de 2009, aproximou-se cada vez mais do Brasil, tornando-se o principal parceiro comercial. A Região Sudeste é o principal mercado de trabalho e indústria têxtil brasileira, porém após a vinda de produtos asiáticos, o Sudeste acabou perdendo espaço nacionalmente. As empresas têxteis acabaram deslocando-se para outras regiões do Brasil, principalmente a Região Sul, onde foi a região que mais aumentou a quantidade de trabalhadores, com crescimento de 11,22%. Por sua vez, a região Sudeste foi a que mais encolheu em relação aos trabalhadores da indústria têxtil, registrando queda de 17,35%.

Palavras-chave: Indústria têxtil. Mercado de trabalho. Abertura Econômica. Sudeste. Sul.

ABSTRACT

ANALYSIS OF THE DISLOCATION DYNAMICS OF THE TEXTILE INDUSTRY IN BRAZIL (1995-2021)

AUTHOR: Gustavo Santos Mamani

ADVISOR: Sibeles Vasconcelos de Oliveira

The Brazilian textile industry is highly relevant in the Brazilian economy, responsible for generating employment and income. However, the labor market in the textile industry ended up suffering complications from the 1990s onwards. During this period, the appreciation of the currency with the Real Plan and the economic opening triggered a process of expansion of imports, mainly from Asia. Therefore, the present study aims to analyze the dynamics of the labor market of the textile industry in the Southeast Region of Brazil and its process interfaces with the economic opening and interiorization of textile production in the country. Therefore, a qualitative and quantitative research was carried out. Among the main results, it was identified that after trade opening, the Brazilian textile industry was unable to compete with the low values of Asian products, mainly because the national industry is lagging behind in comparison to the Asian industry. Since 2009, China has increasingly approached Brazil, becoming the main trading partner. The Southeast Region is the main market for work and the Brazilian textile industry, but after the arrival of Asian products, the Southeast ended up losing space nationally. Textile companies ended up moving to other regions of Brazil, mainly the South Region, where it was the region that most increased the number of workers, with growth of 11.22%. In turn, the Southeast region was the one that most shrank in relation to workers in the textile industry, registering a drop of 17.35%.

Keywords: Textile industry. Labor market. Economic Opening. Southeast. South.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Especificidade das variáveis exploradas na pesquisa	25
Gráfico 1 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2003 a 2019).....	28
Gráfico 2 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2003 a 2010).....	29
Gráfico 3 – Taxa de câmbio efetiva real - fabricação de produtos têxteis 2010=100, Coeficiente de Exportação e Coeficiente de penetração das importações (2003 a 2019)	30
Gráfico 4 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2011 a 2019).....	31
Gráfico 5 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Brasil (1995 a 2021).....	34
Gráfico 6 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Norte (1995 a 2021).....	35
Gráfico 7 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Centro-Oeste (1995 a 2021).....	36
Gráfico 8 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Nordeste (1995 a 2021).....	37
Gráfico 9 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado do Ceará (1995 a 2021).....	38
Gráfico 10 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião Metropolitana de Fortaleza (1995 a 2021)	39
Gráfico 11 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Sul (1995 a 2021).....	40
Gráfico 12 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado de Santa Catarina (1995 a 2021).....	41
Gráfico 13 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião do Vale de Itajaí (1995 a 2021).....	42
Gráfico 14 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Sudeste (1995 a 2021).....	43
Gráfico 15 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado de São Paulo (1995 a 2021).....	44
Gráfico 16 – Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião de Campinas (1995 a 2021).....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Correlação entre Vínculos ativos na indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2003 – 2019).....	29
---	----

LISTA DE SIGLAS

ABIT	Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PIB	Produto Interno Bruto
PSI	Processo de substituição de importações
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1	DESENVOLVIMENTO E A INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL.....	17
2.1.1	O polo têxtil de Americana	20
2.1.2	O polo têxtil do Vale de Itajaí.....	21
2.1.3	O polo têxtil do Ceará	22
2.2	INFLUENTES SOBRE O MERCADO DE TRABALHO: REFERENCIAIS E <i>INSIGHT</i> PARA AVALIAÇÃO DO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO.....	23
3	METODOLOGIA	25
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
4.1	ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO LINEAR ENTRE O EMPREGO FORMAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL E INDICADORES SELECIONADOS EM MACROECONOMIA	27
4.2	QUANTIDADE DE VÍNCULOS ATIVOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL	33
5	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Argumenta-se que o complexo têxtil é um dos setores industriais mais antigos no Brasil, sendo hoje a quinta maior indústria têxtil do mundo, além de ser autossuficiente em produção de algodão, o que favorece a indústria nacional (ABIT, 2022). A indústria têxtil é importante originador de emprego e renda, pela demanda por produto têxtil ser pouco suscetível à queda de renda da população, mesmo quando outros setores industriais encontram problemas em seus crescimentos (KON; COAN, 2009).

Ao revisitar a formação econômica do Brasil, é possível perceber que já no período colonial algumas manufaturas têxteis iniciaram seu processo de consolidação. Todavia, a industrialização não era uma atividade que interessava aos colonizadores portugueses, que tinham como foco a agricultura e a exploração de minérios. Com a chegada da família real, favoreceu-se a estrutura comercial brasileira, porém as taxas tarifárias na época causaram enfraquecimento na industrialização no Brasil (FUJITA; JORENTE, 2015).

A indústria têxtil teria seu desenvolvimento a partir do final do século XIX. Em 1860, surgiu o primeiro e mais relevante polo têxtil do Brasil, localizado na Bahia e, nesse período, o Nordeste passou a apresentar uma expansão da manufatura têxtil. A partir de 1866, a Região Centro-Sul passou a acumular as fábricas, com São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro configurando nas mais importantes (FUJITA; JORENTE, 2015).

Durante a Primeira Guerra Mundial ocorreu uma desaceleração no crescimento da indústria têxtil, além do comprometimento das importações, o que resultou em estímulos governamentais através da demanda, para atender e impulsionar o mercado interno (FUJITA; JORENTE, 2015). Em 1930, a queda da bolsa de valores dos Estados Unidos acarretou uma crise global e fez com que o café, principal produto exportado brasileiro, tivesse uma queda em sua demanda e em seu preço. Deste modo, as exportações brasileiras caíram, fazendo com que a balança de capital fosse negativa. Com o intuito de resolver este problema, foi feita uma moratória em relação à dívida externa e uma relevante desvalorização da moeda nacional. Porém, a desvalorização cambial acabou causando um aumento nos preços dos produtos importados. A alta dos preços de produtos importados repercutiu sobre a demanda dos produtos nacionais no âmbito do mercado doméstico. Neste momento, produtos nacionais acabaram substituindo os produtos importados (GREMAUD et al., 2017), entre tais produtos, produtos industriais de origem têxtil.

Assim, iniciou-se uma industrialização fechada, em que a produção nacional estava focada no atendimento do mercado interno. Teríamos então o processo de substituição de importações (PSI) que ganhou forma após medidas que protegem a indústria nacional (GREMAUD et al., 2017), a citar a reforma tributária de 1934, de caráter protecionista, mudanças na legislação trabalhista, o aumento de créditos ao setor industrial, entre outras ações (FONSECA, 2003).

Cabe lembrar que o processo de substituição de importações ocorreu em etapas, para não ocorrer um desequilíbrio externo absoluto, o que significava que dependendo de qual setor seria alvo de investimentos iniciais, os demais seriam supridos por importações, causando assim um estrangulamento. Na etapa inicial, bens de consumo não duráveis, referentes aos setores têxteis, calçados, bebidas e outros, foram os primeiros a receber investimento em suas indústrias (GREMAUD et al., 2017).

No período de 1931 a 1938, a produção da indústria têxtil teve aumento de 50%. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil aumentou sua exportação em 15 vezes, de forma que assumiu a segunda posição no *ranking* dos maiores produtores têxteis mundiais neste período (FUJITA; JORENTE, 2015).

Contudo, o setor têxtil nacional entra em recessão durante o final da década de 1950 e o fim dos anos 1960, devido à obsolescência técnica e problemas organizacionais (FUJITA; JORENTE, 2015). A partir de 1965, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) contribuiu para a recuperação e crescimento do setor têxtil, com financiamentos que proporcionaram a modernização do parque fabril nacional (FILHA; CORRÊA, 2002).

Durante a década de 1970, houve a entrada de investidores estrangeiros, que priorizavam a produção de fibras e filamentos artificiais e sintéticos. A década de 1980 marcou o encerramento deste ciclo, sendo que o setor têxtil encontrava-se fragilizado e tecnologicamente atrasado em relação aos Estados Unidos, Europa e, mais recentemente, à Ásia. Neste momento, o Brasil ainda adotava um modelo protecionista, cujos reflexos foram tanto positivos quanto negativos ao setor.

A partir de 1990, o país passou por uma abertura geral da economia, trazendo novos desafios para toda a indústria do país (FUJITA; JORENTE, 2015). A década de 1990 foi marcada por profundas alterações macroeconômicas, com o objetivo de frear a crise em que o país se encontrava desde o começo da década de 1980, causada principalmente por uma inflação descontrolada. Logo no início da década, o país passou por um processo de abertura econômica, facilitando a importação de produtos, o que causou maior concorrência, de forma que se iniciou

um movimento das empresas em busca de eficiência e competitividade, para garantir seu espaço no mercado (KON, 1998).

Ademais, com a abertura econômica brasileira na década de 1990, tornou-se necessária a reformulação na estrutura industrial têxtil brasileira, para assim encarar a concorrência internacional. Entre as principais medidas dessa abertura econômica, a liberação das importações não ocorreu simultaneamente à elaboração de uma política industrial que envolvesse os inúmeros setores da indústria. Deste modo, a indústria têxtil do Brasil encontrou muitas dificuldades no período de transição da abertura comercial dos anos 1990 (KON; COAN, 2009).

Tendo em vista o exposto, percebe-se que o processo de expansão da indústria têxtil brasileira teve seu início efetivo a partir da metade do século XX, porém este processo não se deu a nível nacional, concentrando-se principalmente na Região Sudeste. Em 2020, a Região Sudeste concentrava quase a metade das indústrias nos diversos elos da cadeia produtiva, sendo responsável por 47,3% da produção nacional do setor. Em âmbito nacional, o setor teve investimento de R\$4,5 bilhões em 2020 e a cadeia têxtil e de confecção apresentou faturamento de R\$161 bilhões em 2020 (PRADO, 2021).

De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS, 2020), em 1995 a indústria têxtil representava cerca de 2,90% de vínculos ativos do país e 1,61% dos vínculos ativos em 2020, tendo um encolhimento de 44,4% em termos relativos entre 1995 e 2020. A Região Sudeste encolheu a oferta de trabalho da indústria têxtil em cerca de 17,35% entre 1995 e 2020. Por sua vez, as regiões Nordeste e Sul apresentaram crescimento de trabalhadores na indústria têxtil, respectivamente, de 3,83% e 11,22%. Entre os Estados em destaque, está o de São Paulo, com encolhimento de 12,86% e o Estado de Santa Catarina, com crescimento de 7,36% entre 1995 e 2020. Desta forma, nota-se a diminuição de trabalhadores na indústria têxtil brasileira da região Sudeste e o crescimento nas regiões Nordeste e Sul.

Sendo assim, o foco deste estudo é compreender quais fatores determinaram o encolhimento do mercado de trabalho têxtil no Brasil no período pós estabilidade macroeconômica ou abertura econômica. Em suma, busca-se responder ao seguinte problema de pesquisa: quais fatores determinaram o encolhimento do mercado de trabalho têxtil no Brasil no período pós-abertura econômica?

Logo, o estudo dedica-se a analisar as dinâmicas da deslocalização do mercado de trabalho da indústria têxtil no Brasil e suas interfaces do processo com a abertura econômica e interiorização da produção têxtil no país. Dentre os objetivos específicos da pesquisa, estão: a) Debater sobre os influentes do mercado de trabalho no âmbito da indústria têxtil; b) Caracterizar

o complexo têxtil brasileiro e as particularidades da indústria têxtil no Brasil; e c) Avaliar o mercado de trabalho na indústria têxtil a luz do processo com a abertura econômica e interiorização têxtil no Brasil.

O documento está organizado em 5 seções, a incluir a presente introdução. Na seção seguinte, são apresentados os referenciais teóricos e a revisão da literatura. Na terceira seção, discorre-se sobre os procedimentos metodológicos. Em seguida, são apresentados os principais resultados, bem como a discussão. Por fim, estão as considerações finais e as referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo é apresentado a base teórica deste estudo a respeito da indústria têxtil brasileira, sendo abordados tópicos a respeito de sua história, distribuição regional e principais polos, além de influências sobre o mercado de trabalho.

2.1 DESENVOLVIMENTO E A INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL

O processo de industrialização do Brasil teve seu início com a indústria têxtil. Entretanto, as atividades desenvolvidas pelo setor têxtil acabaram se modificando e realocando recursos produtivos no âmbito nacional com o passar dos anos. Inicialmente, teve seu primeiro polo têxtil localizado no Nordeste do Brasil, especialmente na Bahia. Com o tempo, passou a acumular fábricas na Região Centro-Sul, sendo São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais as mais importantes (FUJITA; JORENTE, 2015). Este processo nota-se ainda hoje na indústria têxtil e confeccionista brasileira, em que a Região Sudeste -em 2020- concentra quase a metade das indústrias nos diversos elos da cadeia produtiva, sendo responsável por 47,3% da produção nacional do setor (PRADO, 2021).

Sobretudo, a partir da década de 1990, o Brasil passou por mudanças macroeconômicas, com a abertura comercial da economia brasileira e a elaboração do Plano Real. Tais fenômenos geram externalidades sobre o setor têxtil nacional, inclusive negativas. Neste momento, a liberação comercial facilitou a entrada de produtos externos, que chegavam ao país em larga escala, principalmente da Ásia (KON; COAN, 2009).

Devido ao protecionismo dos anos passados, a indústria têxtil se mostrava atrasada tecnologicamente, o que acabou causando um impacto negativo inicial. Ao mesmo tempo que as importações de fios e tecidos sintéticos e artificiais subiam, as exportações se mantinham em estabilidade, gerando conflitos entre os elos da cadeia (FUJITA; JORENTE, 2015).

A mudança econômica do início dos anos 1990 induziu também algumas transformações produtivas no setor. Entre estas transformações, teve-se o empenho do aumento da produtividade por meio da elevação da relação capital/trabalho e da eficiência produtiva, com o intuito de encarar a concorrência asiática. A ampliação do consumo da população de baixa renda, junto à concorrência de tecidos artificiais e sintéticos importados da Ásia, causou a substituição da produção de tecidos planos por malhas de algodão, em que os investimentos são mais baixos e o produto é mais barato. E com o intuito de reduzir os custos de mão de obra,

aconteceu um deslocamento de empresas para o Nordeste e outras regiões com incentivos fiscais (FUJITA; JORENTE, 2015).

Em 2020, a cadeia têxtil produziu aproximadamente R\$161 bilhões, equivalente a 5% de todo o valor da produção da indústria brasileira de transformação. No mesmo ano, cerca de 1,4 milhão de postos de empregos foram gerados, número que representa 19,8% do total de trabalhadores destinados à produção industrial. A significância desta porção de empregos referentes à área têxtil na indústria de transformação nacional manifesta a importância do setor têxtil para a economia geral (PRADO, 2021).

A produção têxtil brasileira fomenta em sua maior parte o mercado nacional. Tendo como seus principais polos industriais localizados no Estado de São Paulo e Santa Catarina. Apesar da Região Sudeste possuir maior parte de empregados no mercado de trabalho têxtil, ao longo dos anos a região vem perdendo espaço para regiões mais interiorizadas, especificamente, as regiões Nordeste e, principalmente, a Região Sul. Este encolhimento no mercado de trabalho têxtil na Região Sudeste intensificou-se a partir da abertura econômica, momento em que as importações de tecidos vindas, principalmente da Ásia, conquistaram boa parte do mercado.

Entre 1995 e 2020, a Região Sudeste teve um encolhimento de 21,56% referentes aos trabalhadores da indústria têxtil brasileira. Em contrapartida, as regiões Nordeste e Sul tiveram crescimento durante o mesmo período, respectivamente, de 39,22% e 65,5%. Deste modo, nota-se um deslocamento da oferta de empregos da indústria têxtil no território nacional (RAIS, 2020).

A indústria têxtil está presente desde o começo da industrialização brasileira, tendo sua importância ao longo dos anos. Atualmente, o setor têxtil, está em nosso convívio diário, pois necessita-se de roupas, cobertores e outros tipos de tecidos e produtos derivados. Embora o setor têxtil seja um importante setor econômico do país, o que acontece em sua indústria limita, principalmente, aqueles que atuam ou estão diretamente envolvidos na área. Assim sendo, entender as dinâmicas econômicas atreladas ao setor têxtil é fundamental para o estabelecimento de estratégias para fomento ao emprego e produto.

De acordo com os dados gerais do setor da Associação Brasileira da indústria têxtil e de Confecção (ABIT, 2022), o Brasil é produtor de fibras até confecções, tendo um faturamento de R\$ 161 bilhões em 2020, reunindo 24,6 mil unidades produtivas formais em todo o país e, aproximadamente 1,36 milhões de empregados diretos e 8 milhões indiretos, dos quais 60% são de mão de obra feminina. O volume de produção têxtil foi de 1,91 milhões de toneladas em 2020, tendo um investimento de R\$4,5 bilhões no mesmo ano.

Além do mais, a indústria têxtil é o segundo maior empregador da indústria de transformação, perdendo apenas para alimentos e bebidas. Entre os cinco maiores produtores e consumidores de denim do mundo e, entre os quatro maiores produtores de malhas do mundo. Em 2020, representou 19,8% do total de trabalhadores alocados na produção industrial e 5% do valor total da produção da indústria brasileira de transformação (ABIT, 2022).

Vale esclarecer que a cadeia de produção têxtil é constituída por etapas em sequência linear, desde o beneficiamento e fiação de fibras, tecelagem, até a confecção final (HAGUENAUER et al., 2001). Este processo se inicia com o processamento da matéria-prima bruta em fios, chamada de fiação, esta matéria pode ser classificada em três classes: fibras naturais, fibras sintéticas e fibras artificiais. As fibras naturais são compostas por algodão, seda, linho, lã e a juta. O algodão é a fibra de maior utilização, que representa mais de 90% das fibras naturais consumidas no mercado brasileiro. Existem diferentes processos de fiação, no caso das fibras naturais o processo é conhecido como paralelização, em que as fibras são orientadas para a mesma direção e torcidas de forma onde se prendem umas às outras por atrito (EMERY, 2007).

Tanto as fibras sintéticas quanto as artificiais são conhecidas como fibras químicas. Nessas fibras químicas (sintética ou artificial), utiliza-se a fieira, um equipamento que processa uma substância química através da pressão produzindo-se filamentos, dando origem aos fios de fibras sintéticas (EMERY, 2007).

O segundo processo é a produção do tecido por meio da tecelagem ou malharia. A tecelagem ocorre o entrelaçamento de fios por um tear, são obtidos tecidos pesados e para este processo os fios passam por um tratamento químico antes de serem tecidos. Enquanto na malharia, o processo consiste em uma sequência de laçadas, uma através da outra, tendo-se tecidos mais leves e flexíveis. Logo após esta etapa o tecido passa para a fase de beneficiamento, onde ocorre os processos de lavagem, tingimento, estamparia entre outros (EMERY, 2007).

E por fim, o último processo é a de confecção, sendo a costura a principal atividade nesta fase e se tem o maior destaque na qualidade e na caracterização do produto, também com a maior diferença de produtos e empresas, envolvendo uma maior variedade de mercados e consumidores para os mais diferentes usos, como vestuário, cama, mesa e banho etc. Após este processo, o produto vai para o comércio e assim chegará ao consumidor final (BEZERRA, 2014).

Destaca-se que a Região Sudeste do país em 2020, concentra-se 47,3% da produção nacional têxtil, sendo a principal região produtora, tendo o Estado de São Paulo o principal produtor nacional. O Sul do país concentra cerca de 28,0% da produção têxtil, tendo o Estado

de Santa Catarina o principal produtor da região. O Nordeste concentra o equivalente a 20,3% da produção nacional, onde o Estado do Ceará é o principal produtor (PRADO, 2021).

A indústria têxtil possui a característica de se concentrar em locais específicos, formando polos. Pode-se explicar por motivos de logística operacional, já que a proximidade facilita a operação na aquisição de insumos. Logo, estes locais acabam se especializando em determinadas produções, e se tornam reconhecidos por esta especialidade (EMERY, 2007).

A distribuição regional da indústria têxtil é diversificada, possuindo polos de importância nacional, como o de Americana, assim como regional, o caso do polo têxtil do Ceará, além de muitos outros espalhados pelo Brasil nas regiões que foram colocadas. Considerando a existência de diferentes polos têxteis no Brasil, exploram-se suas especificidades a seguir, com atenção ao polo de Americana (representante da Região Sudeste), o polo do Vale do Itajaí (da Região Sul) e o polo do Ceará (representante da Região Nordeste).

2.1.1 O polo têxtil de Americana

O desenvolvimento da indústria têxtil paulista ocorreu no período entre 1860 e 1880 durante a expansão do setor algodoeiro, incentivada pela disponibilidade de matéria-prima, mercado consumidor e expansão do cultivo do café, onde se utilizava sacos de algodão para o envase de grãos de café. Além do mais, nessa época cafeicultores aplicavam seus lucros na indústria têxtil (SUZIGAN, 2000).

Neste cenário, temos o polo têxtil de Americana, localizado no interior de São Paulo, que engloba os municípios de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara d' Oeste e Sumaré, municípios que representam aproximadamente 85% da produção nacional de têxteis artificiais e sintéticos. No fim do século XIX foi estabelecido na região o cultivo de algodão de alta qualidade por imigrantes estadunidenses, que se aproveitaram da proximidade da produção de matéria-prima e de um mercado consumidor na região (EMERY, 2007).

No século XX, o avanço das fibras químicas proporcionou às empresas do setor têxtil a especialização neste tipo de produto, assim diminuiu-se a importância da região dos tecidos de algodão. A partir disso, o polo têxtil de Americana é conhecido por sua especialidade têxtil de fibras químicas (EMERY, 2007).

Na década de 1990, com a abertura econômica, o polo têxtil de Americana sofreu grande impacto negativo em razão da concorrência estrangeira, pois acabou perdendo competitividade do produto nacional, em relação aos produtos asiáticos que eram importados a preços

extremamente baixos e atraentes, além da diferença industrial, onde a indústria nacional se encontrava defasada em comparação a indústria asiática, o que acabou fazendo o volume de produção nacional cair pela metade na mesma década. Muitas empresas acabam fechando, havendo um aumento no número de desempregados neste período (EMERY, 2007).

O polo de Americana concentra os maiores mercados consumidores e sediam os principais centros de distribuição de atacado e varejo. Em 2013, este polo correspondeu a 14% da produção têxtil nacional, com apenas 2% das empresas instaladas no Brasil e apenas 3% do total de funcionários do setor brasileiro, demonstrando o nível tecnológico e produtivo das indústrias têxteis do polo. Porém, o setor vem em frequente redução, 50 empresas têxteis paulistas finalizaram suas atividades, entre 2009 e 2013. Conseqüentemente, diminuiu-se a produção têxtil em 2%, tendo-se um cenário desfavorável, piorando com a crise econômica nacional. No período de 2015 a 2018, foram reduzidos 2,6 mil vagas de emprego (SOUZA; ESTEVAM, 2019).

2.1.2 O polo têxtil do Vale de Itajaí

O polo têxtil do Vale de Itajaí localiza-se no estado de Santa Catarina, composto pelos municípios de Blumenau, Brusque, Gaspar, Indaial, Pomerode e Timbó. A região foi colonizada por imigrantes alemães na segunda metade do século XIX (EMERY, 2007). Sendo assim, o setor têxtil catarinense originou-se em 1880, sincronicamente ao surgimento do setor têxtil nacional, sendo o Vale de Itajaí responsável por 57,6% do setor têxtil de Santa Catarina (SOUZA; ESTEVAM, 2019).

O polo do Vale do Itajaí apresenta aspectos diferentes do polo de Americana, pois destaca-se na produção de malhas de algodão e itens de cama, mesa e banho. Na década de 1980 iniciou suas atividades exportadoras, tendo desse modo induzido as empresas a se manterem parcialmente atualizadas na parte tecnológica e administrativa. De forma relativa, o polo catarinense não encarou muitos impedimentos para a abertura comercial nem defasagem tecnológica (EMERY, 2007).

Santa Catarina concentra cerca de 15% das empresas do setor têxtil brasileiro, equivalente a 4,9 mil indústrias têxteis no Estado. Estas, em 2014, geraram 300 mil empregos diretos, representando 19% do pessoal ocupado na cadeia têxtil brasileira e respondendo por 34% dos empregos formais em Santa Catarina. O polo têxtil catarinense tem-se especializado na produção de tecidos de malha e produtos de lar, que equivalem a 34% e 21% da produção

nacional, respectivamente. Porém, o polo catarinense vem nos últimos anos sofrendo com a recessão da economia nacional, aumento do volume de produtos asiáticos no mercado doméstico e dificuldades logísticas. Houve redução no país em 10,9% no número de fábricas têxteis e de confecção, de forma que diminuiu 10,8 mil vagas de emprego de 2012 a 2016 (SOUZA; ESTEVAM, 2019).

2.1.3 O polo têxtil do Ceará

No final do século XIX, teve-se início o desenvolvimento industrial têxtil no Ceará, principalmente na Região de Fortaleza e mediações. Em 1892 é inaugurada a Fábrica Progresso, a primeira na área têxtil do estado (ARAGÃO, 2002).

Em 1959 é criada a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) que auxilia e promove a industrialização da Região Nordeste por meio de incentivos fiscais e de crédito, entendendo a importância do setor têxtil para a economia nordestina, que vivia enfrentando problemas administrativos, de produção e obsolescência de maquinário (ARAGÃO, 2002). Sobretudo, a partir de 1979, o estado do Ceará desenvolveu um programa de atração de investimentos industriais, através da criação de um Fundo de Desenvolvimento Industrial destinado a promover a industrialização do Estado. Escorados pelo Fundo, outros programas também foram implementados, com o intuito de implantação, ampliação, diversificação de produção e recuperação de empresas. Também foram definidos incentivos específicos para as empresas industriais do setor têxtil (EMERY, 2007).

O estado acabou atraindo investimentos de grandes empresas têxteis por sua conjunção de incentivos, junto à grande quantidade de mão de obra barata, além de sua localização geográfica que possibilita a exportação aos mercados norte-americanos e europeus. As empresas têm o perfil de produção integrada, adquirindo o algodão, transformando em fios e depois em tecido (EMERY, 2007).

Atualmente o estado do Ceará é o principal fabricante e fornecedor de produtos têxteis da Região Nordeste, também produzindo para outras regiões brasileiras, onde sua maior parte da produção é de empresas localizadas na Região de Fortaleza (VIANA et al., 2008). O número de empresas do setor subiu entre 2002 e 2012, em que havia 190 empresas em 2002, para 399 em 2012. O Ceará junto a Região de Fortaleza tem grande importância regional dentro da área têxtil, no qual representa 16,5% do PIB estatal e gerando 30% dos empregos do setor na região,

sua produção é centralizada principalmente na produção de fios de algodão e tecido denim (VIANA et al., 2008).

2.2 INFLUENTES SOBRE O MERCADO DE TRABALHO: REFERENCIAIS E *INSIGHT* PARA AVALIAÇÃO DO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO

Para Adam Smith, o mercado de trabalho não se diferencia de outros mercados, assim, pode-se observar comportamentos econômicos de firmas e indivíduos, que buscam maximizar seu bem-estar. As interações entre as funções da oferta e demanda de emprego determinam o nível de salário. Logo, se ocorrer qualquer tipo de desajuste entre oferta e demanda, em que os trabalhadores não conseguem trabalho, significa que o nível de salários está muito alto. Enquanto o custo marginal for menor que à produtividade marginal do trabalho, o empregador pretende contratar trabalhadores (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Na percepção clássica, o trabalho é um produto, de forma que: os trabalhadores são vendedores, os empregadores são compradores, os salários são considerados o preço do fator trabalho e o mercado de trabalho retratam o local onde se tem estas transações. A mudança dos trabalhadores entre as empresas provocará uma redução nas diferenças dos preços, assim alcançando um equilíbrio entre os salários por todo o mercado. Esta combinação está dentro de um sistema mais amplo da produção capitalista, realizando duas tarefas: colocando os trabalhadores para distintos espaços produtivos e assegurando renda para os participantes (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Para os neoclássicos, o nível de emprego vem da confrontação entre oferta e demanda. O preço do trabalho é a variável estratégica, que acaba fazendo com que se tenha o equilíbrio. Porém, nessa visão, a formação acadêmica pode ser vista como um investimento em “capital humano”, no qual a rentabilidade é uma função dos custos dos estudos, tal qual da perspectiva da renda ligada à diferença da qualificação obtida pelo trabalhador ao longo da vida ativa (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Na perspectiva marxista, a força de trabalho é interpretada como mercadoria e, assim como na teoria clássica, gera a exploração dos trabalhadores. Os meios de produção e desenvolvimento tecnológico possibilitam ao capitalista a explorar a força de trabalho e contribuem para que haja uma fração de trabalhadores desempregados. Logo, este exército de reserva de trabalhadores permite ao capitalista a alteração dos salários a níveis próximos ao nível de subsistência. O pleno emprego, mesmo que alcançado, não será permanente, pois o

capitalismo é caracterizado por suas instabilidades, ou seja, é suscetível a crises econômicas (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Na visão keynesiana, inclina-se a ter desemprego involuntário, em que os trabalhadores podem não conseguir um emprego, mesmo aceitando receber o salário real oferecido pelo empregador. Para Keynes, isso ocorre devido às decisões de demanda por trabalho das firmas, que se sujeitam às decisões de produção e investimento. De acordo com Keynes, os empresários criam expectativas de quanto vão vender, para depois tomar sua decisão de quantos funcionários contratar e quanto produzir.

Logo, de acordo com a abordagem keynesiana, as quantidades produzidas pelas firmas, muitas vezes não são compatíveis com a absorção de mão de obra disponível. Assim, decisões escolhidas pelas firmas, caso estejam relacionadas abaixo estado de confiança ou excesso de preferência pela liquidez, há a possibilidade de ser caracterizada como um quadro de equilíbrio de mercado com a presença de desemprego involuntário (ENAP, 2015).

Esclarece-se que a oferta de trabalho corresponde a quantidade de pessoas que oferecem seus serviços no mercado de trabalho. De acordo com Borjas (2010), cada pessoa necessita decidir se vai trabalhar e por quantas horas. A oferta de trabalho na economia como um todo é dada ao somarmos as escolhas feitas pelas pessoas nessa população. A oferta total de trabalho depende também das decisões de fertilidade das gerações passadas, que acabam determinando a população atual. Com o passar do tempo estas consequências econômicas e sociais modificam-se. Numa estrutura de decisões sobre a oferta de trabalho, indivíduos buscam maximizar seu bem-estar, consumindo bens e lazer.

Borjas (2010) destaca que as decisões de contratar e demitir feitas pelas empresas acabam criando e destruindo vagas a todo tempo. Em sua análise, a demanda por trabalho começa reconhecendo que os empregadores não contratam trabalhadores simplesmente porque querem “corpos” para preencher vagas na empresa. Empresas contratam porque os consumidores querem comprar uma variedade de bens e serviços. Deste modo, empresas são as intermediárias, que contratam trabalhadores para fazerem aqueles bens e serviços e, desta forma, a demanda por trabalho – assim como a demanda por outros insumos no processo de produção, como máquinas, terrenos e prédios – é uma “demanda derivada”, resultado dos desejos dos consumidores.

Desta maneira, podemos observar de uma maneira ampla o significado de mercado de trabalho, dita por diversas visões. Ao entender o que seria o mercado de trabalho, pode-se aprofundar um pouco mais. Assim, é possível aprofundar no mercado de trabalho da indústria têxtil.

3 METODOLOGIA

Com base em seus objetivos geral e específicos, a pesquisa caracteriza-se como de natureza exploratória, ao buscar habituar com o tema do mercado de trabalho e da indústria têxtil. Também se caracteriza como descritiva, ao buscar realizar análise sobre o mercado de trabalho na indústria têxtil na Região Sudeste e a interiorização têxtil no Brasil após o processo de abertura econômica.

Quanto aos procedimentos metodológicos, é realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em diversas fontes de referências científicas, tais como livros, artigos, revistas eletrônicas e relatórios. Nesta fase, analisa-se o que já foi publicado em relação a indústria têxtil brasileira, caracterizando seu complexo e as particularidades da indústria têxtil na Região Sudeste.

Quanto à forma de abordagem, a pesquisa possui caráter quali-quantitativo. Para Mattar (2001), a pesquisa quantitativa busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise de muitos casos representativos, recomendando um curso final da ação. Ela quantifica os dados e generaliza os resultados da amostra para os interessados. Por sua vez, na abordagem de pesquisa qualitativa se trabalha os dados visando seu significado, tendo como princípio a percepção do fenômeno dentro do seu contexto (OLIVEIRA, 2011).

Levando em consideração, a fusão entre os tratamentos quantitativos e qualitativos, intitulada como abordagem quali-quantitativa, objetiva-se fornecer um quadro mais geral da questão em estudo. O Quadro 1 apresenta o conjunto de variáveis a serem exploradas durante a análise.

Quadro 1 – Especificidade das variáveis exploradas na pesquisa

Variáveis	Descrição	Fonte	Periodicidade
Quantidade de vínculos ativos na indústria têxtil	Número de trabalhadores ocupados na indústria têxtil no Brasil, Unidades Federativas e Mesorregiões	RAIS	1995-2020
Coefficiente de exportação	Percentual da produção total do setor que é exportada	CNI	2003-2019
Coefficiente de penetração de importações	Percentual da importação sobre o consumo aparente total (importações + produção nacional) de produtos do setor	CNI	2003-2019

Taxa de câmbio efetiva real	Taxa de câmbio efetiva real - fabricação de produtos têxteis 2010=100	IPEADATA	2003-2019
-----------------------------	---	----------	-----------

Fonte: elaboração própria.

Os dados utilizados na próxima seção, são referentes aos trabalhadores da indústria têxtil, retirados do Banco de dados Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego). Foram utilizados dados do Subsetor de Atividade Econômica disponibilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). De acordo com a classificação do IBGE, o código utilizado foi o de número 11, o qual contempla a categoria indústria têxtil (Indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos). Os dados utilizados nesta categoria são as quantidades de vínculos ativos na indústria têxtil no Brasil no período de 1995 a 2021. Trabalhos informais não foram descritos na análise.

Também são utilizados dados referentes ao coeficiente de exportação e o coeficiente de penetração de importações, disponibilizados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Para fins de apresentação dos resultados, são empregadas ferramentas de estatística descritiva e inferencial. Gráficos e tabelas são utilizados para comunicação do comportamento das variáveis no período analisado. Também foram estimadas correlações entre as variáveis: Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Brasil e o Coeficiente de Exportações e Importações de produtos têxteis (2003-2019). Em síntese, a correlação mede o grau de relação linear entre as variáveis. Os valores de correlação estarão sempre entre -1 e +1. Assim, caso as variáveis tendam a aumentar e diminuir juntas, o valor da correlação será positivo. E se uma variável aumenta, enquanto a outra diminui, o valor desta correlação é negativo (GUIMARÃES, 2008).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são analisados os números dos trabalhadores ocupados na indústria têxtil no Brasil, Unidades Federativas e Mesorregiões. Para uma melhor análise, as Regiões Nordeste, Sul e Sudeste tiveram uma Unidade Federativa selecionada, assim como uma Mesorregião de cada Estado. As Unidades Federativas do Ceará, Santa Catarina e São Paulo, assim como respectivamente, as mesorregiões de Fortaleza, Vale do Itajaí e de Campinas, são as selecionadas para análise.

De forma complementar, também será feito uma análise da associação linear entre o emprego formal da indústria têxtil e indicadores selecionados em macroeconomia.

4.1 ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO LINEAR ENTRE O EMPREGO FORMAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL E INDICADORES SELECIONADOS EM MACROECONOMIA

A presente seção apresenta análises referentes ao emprego formal da indústria têxtil, a fim de associá-la a indicadores macroeconômicas. Desta forma, as variáveis a serem analisadas junto ao emprego formal da indústria têxtil e os coeficientes de importações e exportações, além de uma análise sobre a taxa de câmbio efetivo real.

Na Tabela 1 apresentam-se as estimativas relativas à correlação entre a quantidade de vínculos ativos na indústria têxtil com o coeficiente de penetração de importações e coeficiente de exportações no Brasil entre os anos de 2003 e 2019. Pode-se observar que no que diz respeito à relação linear entre os empregos formais e as importações apresentam uma correlação positiva entre as variáveis, isto significa que quando existe um aumento nas importações, também ocorre nos vínculos ativos. Enquanto isso, a correlação entre empregos formais e exportações é negativa, significando que essa relação entre as duas variáveis é inversamente proporcional. Ou seja, enquanto uma variável cresce, a outra diminui.

Em relação à inserção da indústria têxtil doméstica nos mercados internacionais, vale ressaltar que, a partir dos anos 2000, o Brasil iniciou uma maior participação nas exportações de produtos têxteis, porém tendo desfavorável processo nas exportações tanto para os Estados Unidos, quanto para a União Europeia. Ademais, o Brasil perdeu mercado para outros países asiáticos, principalmente a China (PROCHNIK, 2003).

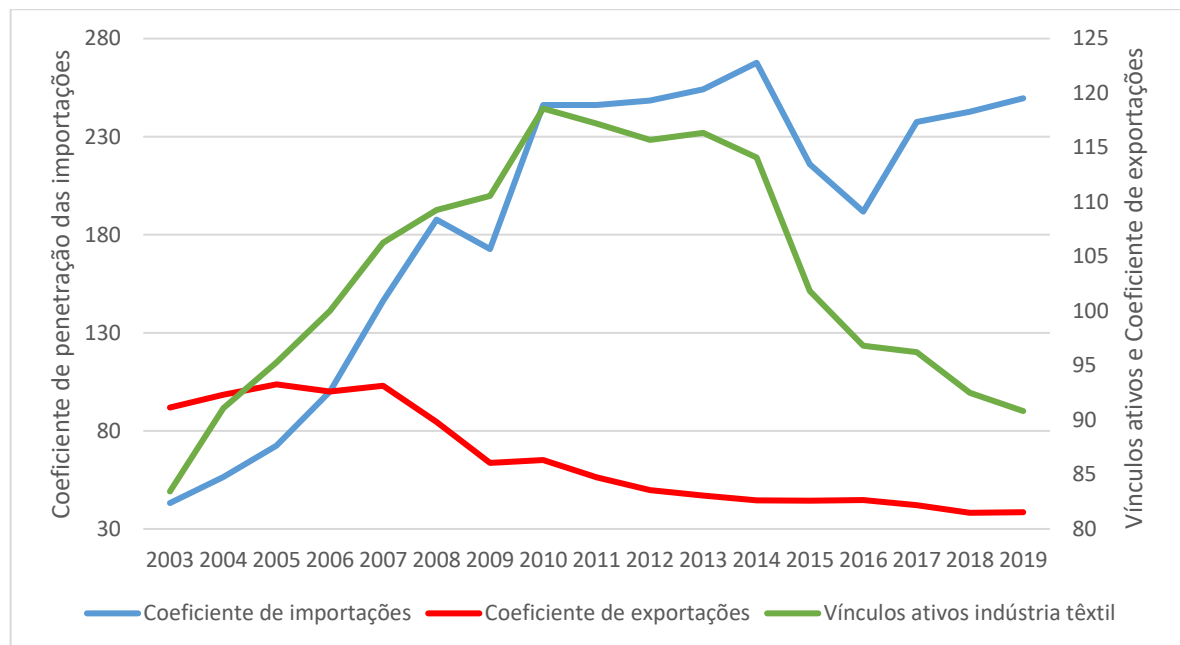
Tabela 1 – Correlação entre Vínculos ativos na indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2003 – 2019)

Vínculos ativos - Importações	Vínculos ativos - Exportações
0,584763208	-0,216748414

Fonte: RAIS (2021) e CNI (2023).

O Gráfico 1 mostra a relação entre as estimativas relativas entre as variáveis apresentadas anteriormente. Observa-se que durante o primeiro período (2003 a 2010), os empregos formais e as importações, acabam tendo uma crescente, enquanto as exportações acabam diminuindo durante esse período. Pode-se separar todo esse período em duas etapas: 2003 a 2010; 2011 a 2019.

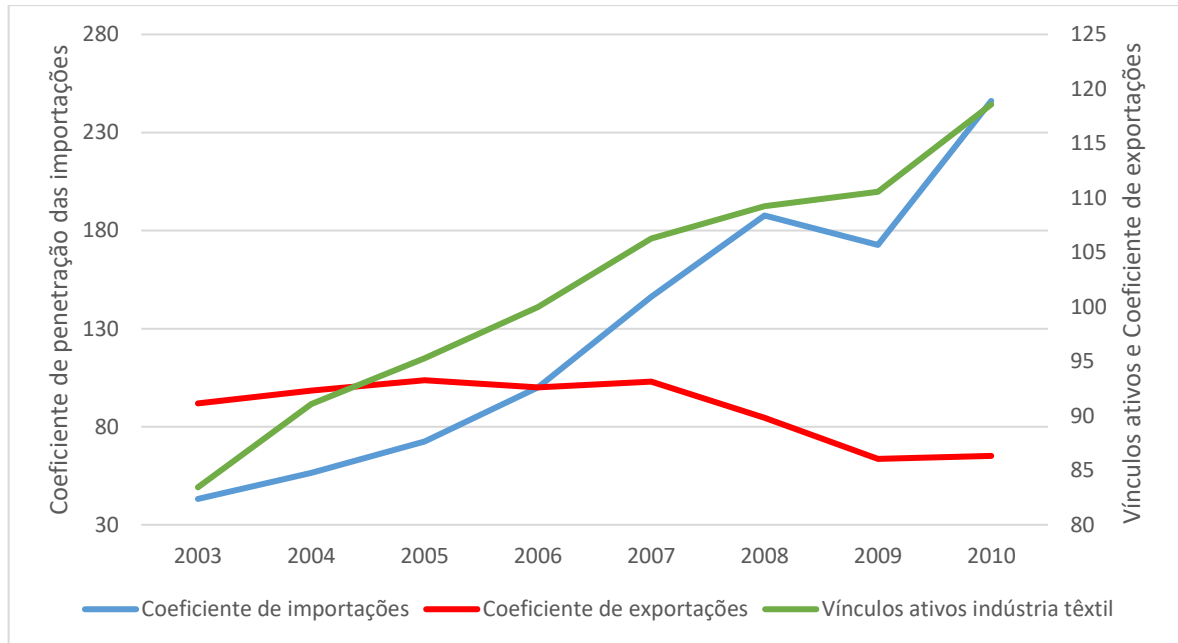
Gráfico 1 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2003 a 2019)



Fonte: RAIS (2021) e CNI (2023).

O Gráfico 2 apresenta a relação entre os quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, importações e exportações do setor têxtil no Brasil durante o período de 2003 a 2010. Pode-se explicar este movimento de aumento dos empregos formais com as importações, pela questão da valorização cambial e aumento no poder de compra do brasileiro neste período.

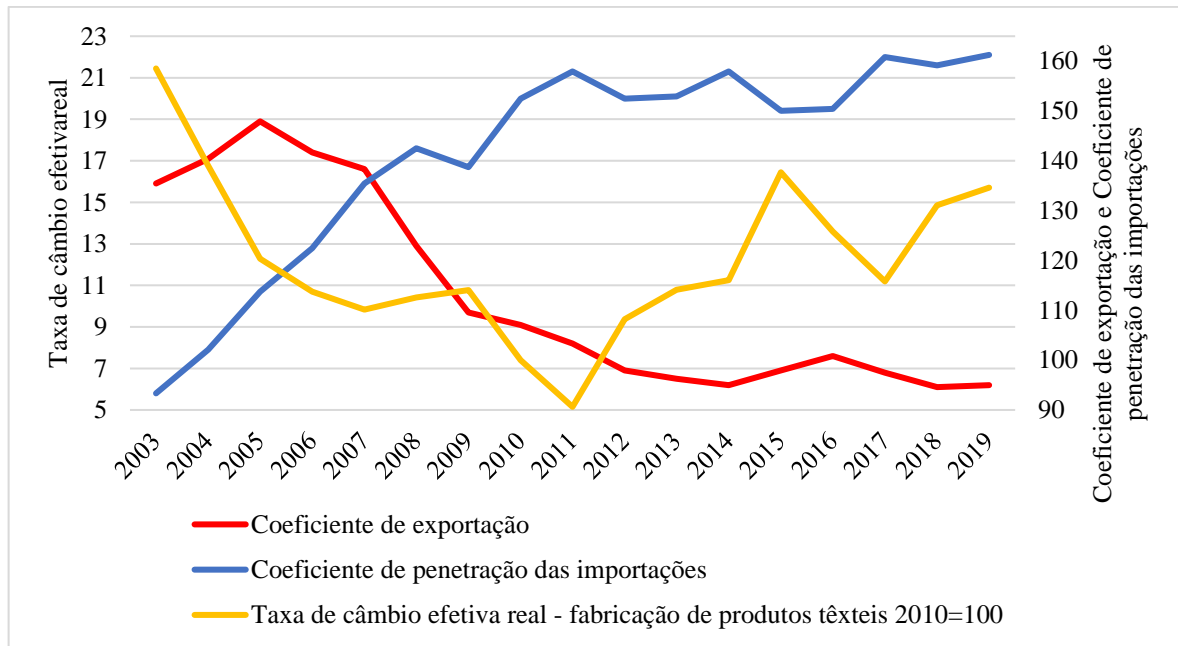
Gráfico 2 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2003 a 2010)



Fonte: RAIS (2021) e CNI (2023).

Neste período ocorreu uma alta no poder de compra do brasileiro, o que acabou ocasionando um aumento no consumo do brasileiro. A produção da indústria têxtil é focada, principalmente, para o mercado interno. Então com o aumento do consumo da brasileira, acabou fazendo com que a indústria têxtil produzisse mais, assim aumentando a quantidade de seus trabalhadores. Neste mesmo tempo, ocorreu uma valorização cambial da moeda nacional, como mostra o Gráfico 3, onde aparece a taxa de câmbio efetiva real. Assim, por questões da valorização cambial e um aumento do poder de compra do brasileiro neste período, ocorreu um aumento dos empregos formais. As importações nesse período, também aumentaram, isso por também por conta desta valorização cambial, então as exportações diminuíram durante o período de 2003 a 2010.

Gráfico 3 - Taxa de câmbio efetiva real - fabricação de produtos têxteis 2010=100, Coeficiente de Exportação e Coeficiente de penetração das importações (2003 a 2019)



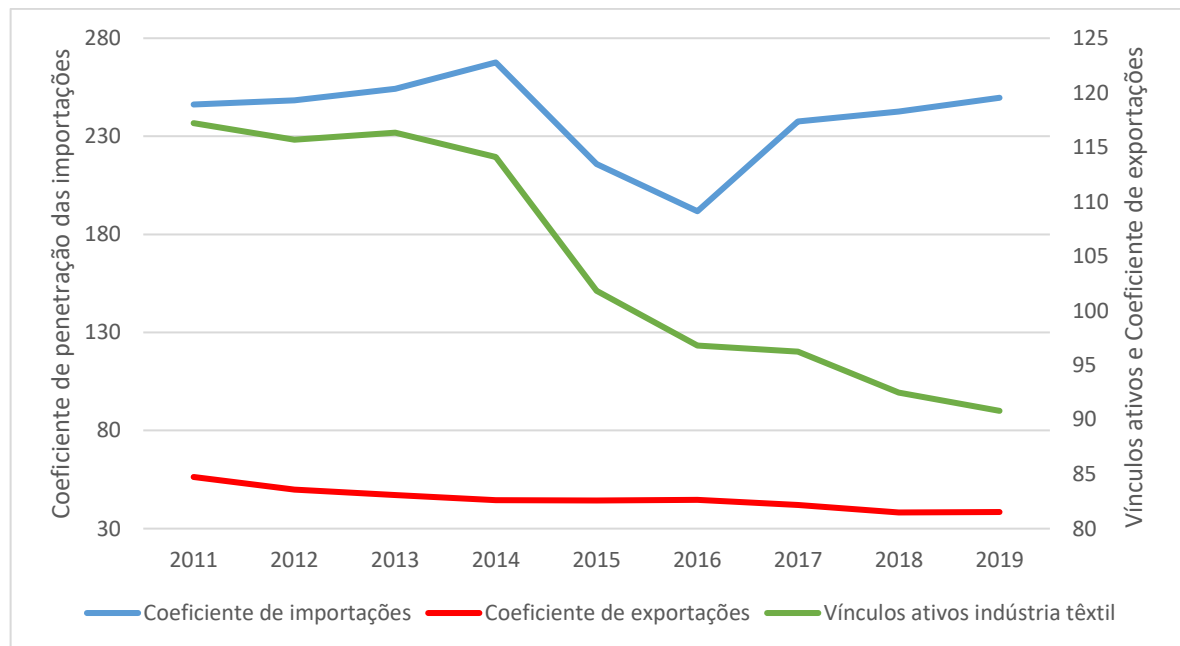
Fonte: IPEADATA (2021) e CNI (2023).

Por sua vez, o Gráfico 4 apresenta a relação entre os vínculos ativos da indústria têxtil e as importações e exportações do setor durante o período de 2011 a 2019. Pode-se observar que os empregos formais diminuem neste período, enquanto as exportações e importações estabilizam. Isso pode ser analisado pela questão da desvalorização do câmbio nacional e a estabilização do poder de compra dos brasileiros.

Após a abertura econômica, a concorrência internacional, principalmente a asiática, acabou fazendo com que empresas têxteis acabassem fechando e outras tivessem que buscar maneiras de diminuir os custos. Nesse momento, houve uma deslocalização de empresas, buscando uma mão de obra mais barata e incentivos fiscais em outras regiões do Brasil. Assim, muitas empresas acabaram saindo do Sudeste e indo para, principalmente, o Nordeste e o Sul.

No período de 2011 a 2019, o mercado internacional têxtil já era dominado pelo mercado asiático, principalmente a China, então apesar de mudanças macroeconômicas no Brasil, o mercado internacional têxtil já estava estabelecido.

Gráfico 4 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, Coeficiente de Importações e Coeficiente de Exportações (2011 a 2019)



Fonte: RAIS (2021) e CNI (2023).

Sobre as dinâmicas de abertura econômica e inserção internacional da indústria têxtil brasileira, é importante evidenciar que, no início dos anos de 1990, a redução das tarifas e dos mecanismos protecionistas da indústria nacional acabaram, assim como a valorização cambial, deixaram vulnerável a indústria doméstica à concorrência internacional. Com a abertura comercial, o esperado era de que as empresas deveriam se modernizar para competir com o mercado internacional. Muitas fábricas buscaram estratégias para se manterem competitivas para poder competir as importações, mas aqueles que não conseguiram a renovação tecnológica quebraram. Nessa época, a indústria se encolheu, apesar de ter se tornado mais competitiva por causa das novas tecnologias (FILLETI; BOLDRIN, 2020).

Em análise sobre as transformações tecnológicas da indústria têxtil, Lucato et al. (2015, p. 214) ressaltam que:

Do ponto de vista competitivo, a indústria têxtil do Brasil viveu por muitos anos protegida da concorrência dos demais países, como resultado da adoção de várias barreiras protecionistas que criaram uma reserva de mercado para as empresas têxteis nacionais. Em meados dos anos 90, a supressão da Lei do Similar Nacional, a redução significativa das alíquotas de importação e a eliminação repentina de barreiras não tarifárias trouxeram um grande impacto sobre a indústria nacional na sua tentativa de competir com concorrentes internacionais. Um dos setores que mais foi atingido por esse processo de abertura abrupta da economia foi o têxtil. Tal situação, aliada ao aparecimento de novos competidores com atuação relevante no mercado internacional

como China e outros países do Extremo Oriente, tem feito com que as condições competitivas para as empresas têxteis brasileiras se tornassem bastante complicadas nas últimas décadas, na medida em que volumes significativos de produtos importados com preços bastante reduzidos passaram a exercer forte pressão sobre os volumes e margens das empresas nacionais

A partir da abertura comercial, a indústria têxtil brasileira obrigou-se a se modernizar diante da nova realidade econômica, progredindo suas máquinas e infraestrutura, alterando seu processo e melhorando a qualidade de seus produtos, também sendo possível diminuir os custos de produção (SARAIVA et. al 2005), do qual muitas empresas optaram por reduzir o custo da mão de obra, deste modo havendo um deslocamento de empresas.

Filleti e Boldrin (2020, p. 868) destacam ainda que as mudanças ocorridas na década de 1990 condicionaram os resultados da indústria têxtil nesse período mais recente:

O crescimento das importações dos produtos dessa indústria foi mais expressivo do que o das exportações, resultando em uma balança comercial deficitária desde 2007, e consolidando o país como importador de produtos têxteis e confeccionados, com destaque para os produtos asiáticos. Essa mudança significativa da balança comercial têxtil pode ser vista de maneira mais expressiva a partir de 2009, período que coincide com altas taxas de crescimento da economia chinesa, cerca de 7% ao ano, e também que sua relação comercial com o Brasil só foi aumentando. Com incentivos do governo e uma mão de obra barata, o setor têxtil chinês veio dominando o território brasileiro.

O aumento das relações comerciais com a China foi capaz de elevar o nível de exportações, mas também elevou de forma mais expressiva as importações. Com preços mais competitivos, o Brasil passou a importar produtos finais da China, o que refletiu diretamente na realidade atual da indústria têxtil (FILLETI; BOLDRIN, 2020, p. 871).

Apesar do Brasil ser um dos maiores produtores da indústria no mundo (ABIT, 2022), sua produção está principalmente voltada para o mercado nacional, pois não é competitiva para ter maior custo-benefício que a China e ganhar o mercado internacional. Apesar disso, o Brasil acabou optando por produções mais especializadas, as quais o menor preço não é o principal, mas a inovação do produto. Segundo Napoli (2007), a indústria têxtil brasileira é moderna e tão competitiva como outros grandes produtores: China, Índia, Turquia e Paquistão. O problema estaria do lado de fora das fábricas, causada pelas altas cargas tributárias, questões trabalhistas e logística.

A mudança no saldo comercial do setor é um dos fatores indicativos de uma redução da produção industrial interna, gerando o processo de desindustrialização (FILLETI; BOLDRIN, 2020, p. 871). Este processo de desindustrialização ficou mais evidente a partir da abertura do mercado, causando enorme impacto no setor têxtil. A partir dos anos 1990, o setor perdeu

participação da indústria no PIB, sendo cada vez mais intensificada com a aproximação da China com o Brasil. A indústria têxtil atualmente, atende principalmente o mercado nacional, tendo como concorrência produtos asiáticos que veem ganhando cada vez mais o mercado.

Desta forma, a geração de empregos no setor têxtil, acaba sendo afetada por uma redução da atividade industrial brasileira, causada principalmente pela forte concorrência dos produtos asiáticos. Assim, uma ampla do processo de desindustrialização no setor têxtil, pode-se responder futuras questões relacionadas ao mercado de trabalho têxtil.

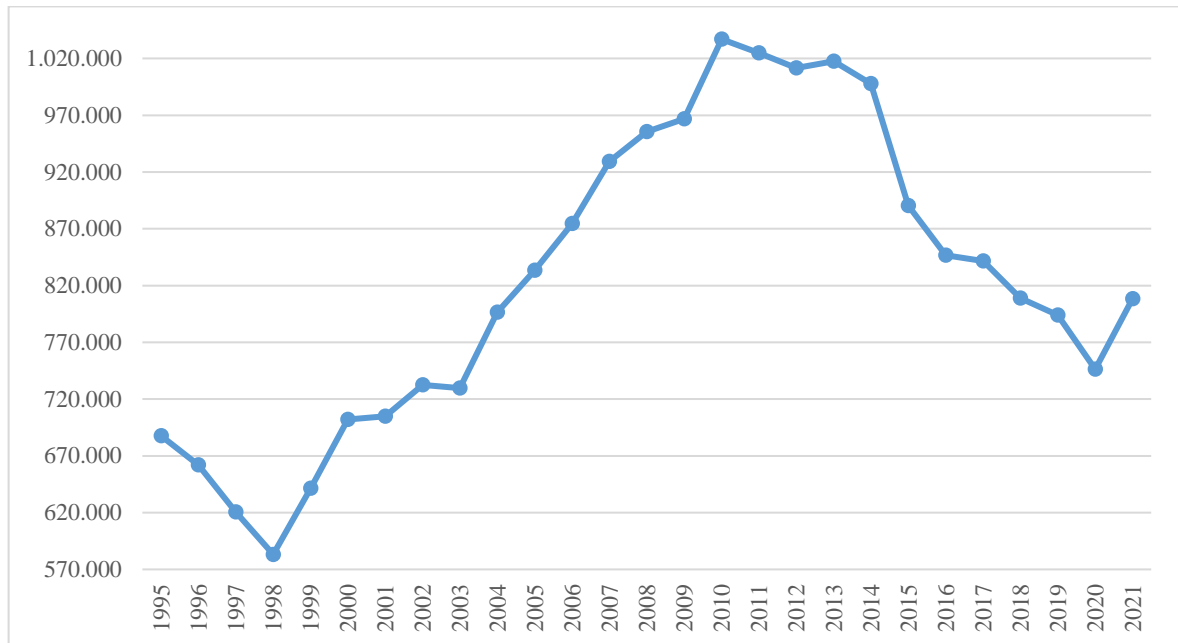
4.2 ANÁLISE DO EMPREGO FORMAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL

O Gráfico 1 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Brasil durante o período de 1995 a 2021. Pode-se observar que nos anos de 1995 até 1998 a quantidade de vínculos ativos na indústria diminuiu, caindo de 687.620 em 1995 para 583.204 vínculos ativos em 1998. Nesta época, o processo brusco de abertura econômica, sem a simultânea implementação de uma política industrial, considerando as características e peculiaridades da economia brasileira, impôs à indústria têxtil doméstica uma sobrecarga no período de transição da abertura comercial dos anos de 1990. Assim, a liberação comercial causou a facilidade na entrada de produtos externos, intensificando a concorrência (KON; COAN, 2009).

A partir de 1994, com o plano de estabilização proposto pelo Plano Real e o poder de compra da moeda fortalecido pela política cambial, o setor têxtil brasileiro registrou um crescente fluxo de importações de fibras, tecidos e produtos confeccionados, causando déficits na balança comercial desses produtos nos anos seguintes. Também contribuíram para o desempenho do período a facilidade para importação proporcionada pela política de tarifas (KON; COAN, 2009).

Cabe esclarecer que até a década de 1990 a indústria têxtil se concentrava na Região Sudeste, principalmente no Estado de São Paulo, porém o movimento de abertura econômica e valorização do Real, causou o deslocamento de empregos para outros estados na Região Sul, principalmente para Santa Catarina, e para alguns estados do Nordeste. Além disso, houve um movimento internamente no Estado de São Paulo, onde a indústria se distribuiu no interior do estado. Este processo de transformação espacial da oferta têxtil no país iniciou-se durante a década de 1990 e se manteve até os últimos anos, porém em menor intensidade (NOVAIS, 2021).

Gráfico 1 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Brasil (1995 a 2021)



Fonte: RAIS (2021).

Após o ano de 1998, inicia-se um crescimento dos vínculos ativos atingindo a marca de 1.036.949 em 2010. Um dos fatores desta melhora deveu-se, por um lado, à desvalorização da moeda nacional em relação ao dólar, em 1999, estimulando as exportações e desestimulando as importações, e, por outro lado, às reduções na importação do algodão e o alto investimento no setor têxtil, que aumentaram a competitividade e recuperaram em partes o setor, diminuindo assim as importações de produtos têxteis em geral (KON; COAN, 2009).

Nos anos de 2010 a 2013, a indústria têxtil brasileira apresentava mais de 1.000.000 vínculos ativos. Em 2014, a quantidade registrada foi de 997.677 vínculos ativos, diminuindo até o ano de 2020 com 746.397. Essa quantidade é menor do que a de 2004, em que atingiu 796.482 vínculos ativos. Neste momento, a indústria têxtil teve seu cenário desfavorável, causado pela crise econômica nacional.

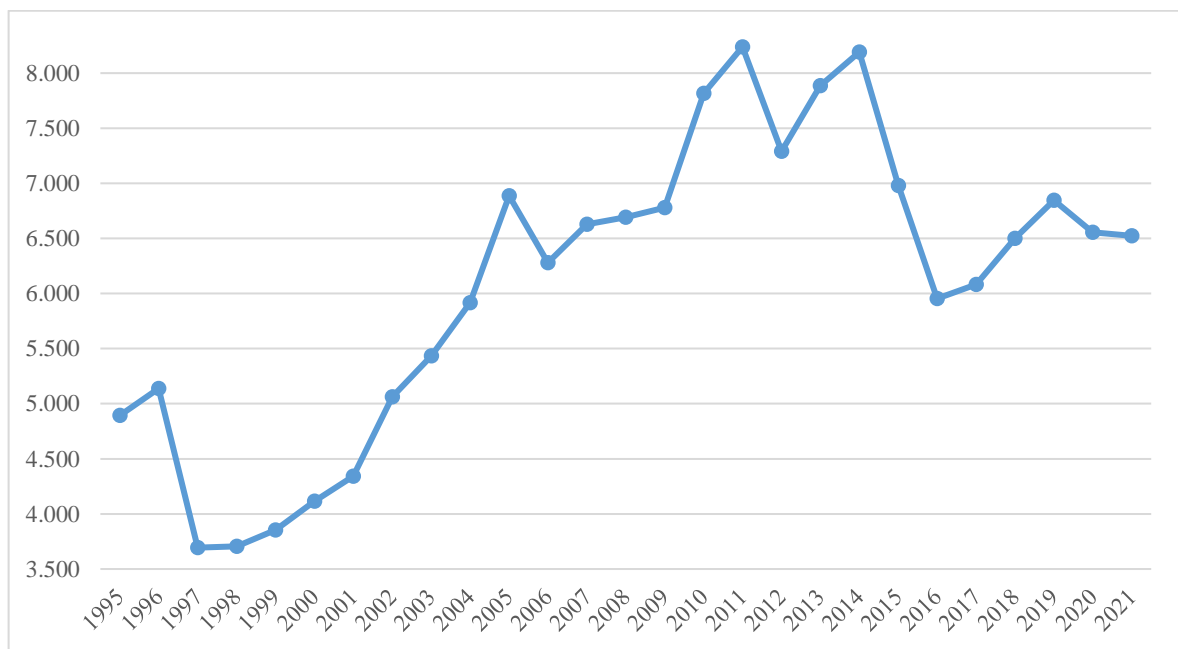
Mais recentemente, em 2021, a quantidade de vínculos ativos voltou a subir, terminando com 808.247 vínculos ativos na indústria têxtil brasileira. De 1995 a 2021, o Brasil obteve crescimento de quase 17% em seus vínculos ativos na indústria têxtil.

Filleti e Boldrin (2020) argumentam que as mudanças econômicas ocorridas nos anos de 1990 causaram uma série de impactos na indústria têxtil. As importações começaram a ser mais expressivas do que as exportações, causando uma balança comercial deficitária a partir de 2007, fazendo com que o Brasil se consolidasse como um país importador de produtos têxteis

e de confecções, principalmente de produtos vindos da Ásia. A partir de 2009, a diferença do balanço comercial têxtil se torna mais expressiva, período em que assemelha com a alta taxa de crescimento da economia chinesa, por volta de 7% ao ano, além do aumento da aproximação comercial com o Brasil (FILLETI; BOLDRIN, 2020).

Cabe destacar ainda que, entre o período de 1998 a 2005, a indústria têxtil brasileira teve crescimento nas exportações, porém não de forma muito expressiva, resultando uma variação acumulada de 119% nesse período. Em 2009, ano em que ocorreu uma enorme crise econômica global e, dessa forma, prejudicando o comércio internacional, houve queda de 21% nas exportações brasileiras de produtos têxteis. Além de tudo, nesse período, o Brasil buscou um fortalecimento ainda maior com a China, fazendo com que a China se tornasse o maior parceiro comercial brasileiro daí em diante (FILLETI; BOLDRIN, 2020).

Gráfico 2 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Norte (1995 a 2021)



Fonte: RAIS (2021).

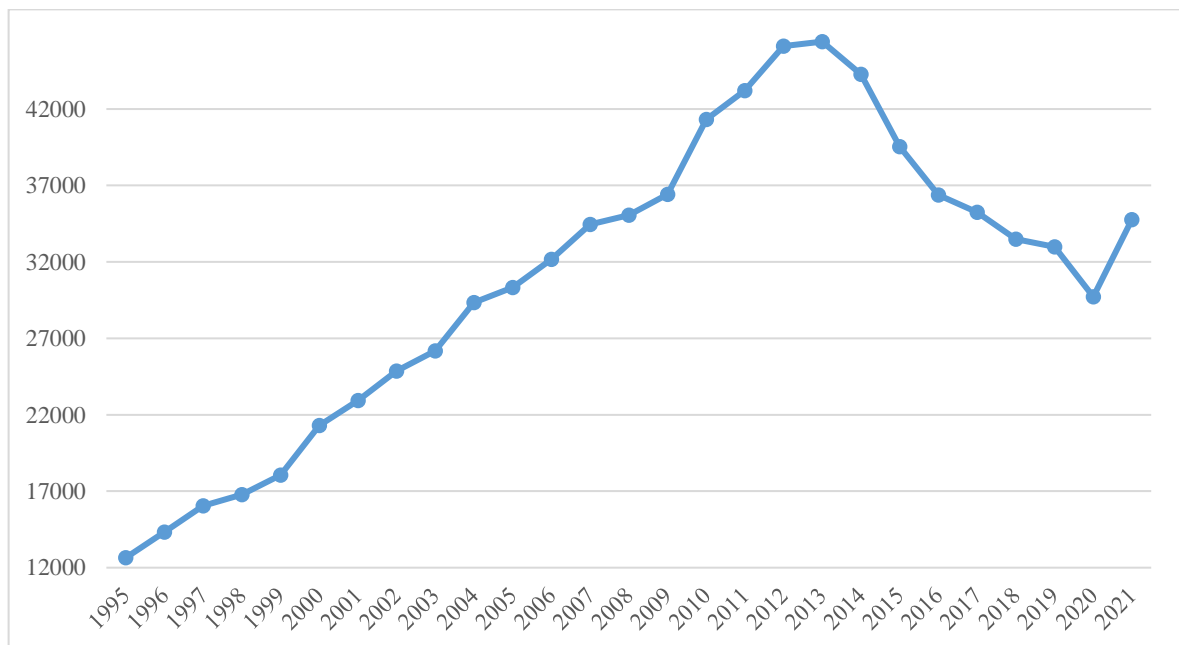
Em particular, o Gráfico 2 apresenta a quantidade de vínculos ativos do setor na Região Norte durante o período de 1995 a 2021. Apesar do leve aumento durante os anos de 1995 a 1996, a Região Norte diminuiu seus vínculos ativos em 1997, caindo de 5.138 em 1996 para 3.694 em 1997, queda registrada em grande parte do país na mesma época. A partir de 1998 até o ano de 2005, a Região Norte iniciou uma crescente em relação aos vínculos ativos, chegando a 6.887. Após este período, a Região Norte registrou variação do número de seus trabalhadores,

chegando em 2011 em seu maior número de vínculos ativos, com 8.238. O ano de 2021, a Região Norte acumulou o total de 6.523 vínculos ativos, que equivale a menos de 1% de vínculos ativos da indústria têxtil no Brasil. De 1995 a 2021, a Região Norte teve aumento de 33%.

Segundo o IEMI (2021), a Região Norte do Brasil, representa 1% de toda a produção têxtil do país. Em âmbito regional, o Estado do Pará é o maior produtor, responsável por 0,4% de toda produção nacional.

O Gráfico 3 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Centro-Oeste durante o período de 1995 a 2021. Observa-se que nos anos de 1995 até 2013, a Região Centro-Oeste viveu um aumento nos vínculos ativos na indústria têxtil, saindo de 12.647 em 1995 para 46.410 em 2013. Após esse período a região iniciou uma queda até o ano de 2020, chegando a 29.720 vínculos ativos na indústria. Em 2021, a Região Centro-Oeste representou 4% dos vínculos ativos da indústria têxtil brasileira. De 1995 a 2021, a Região Centro-Oeste teve um crescimento de 175% em seus vínculos ativos na indústria têxtil.

Gráfico 3 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Centro-Oeste (1995 a 2021)



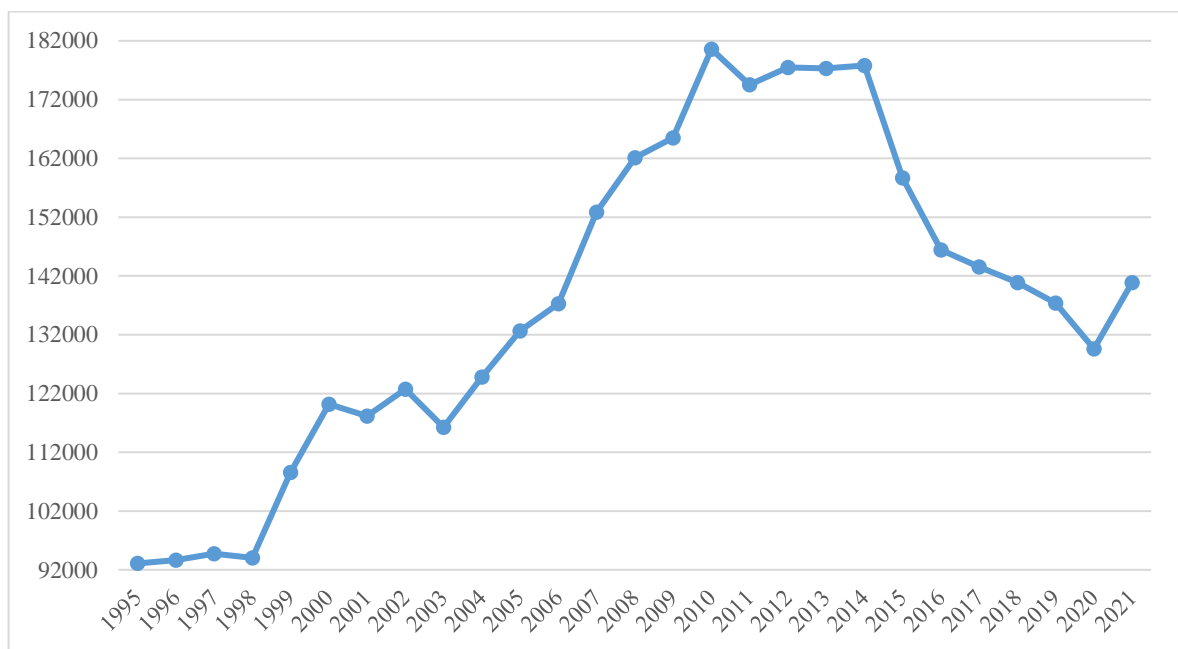
Fonte: RAIS (2021).

O Gráfico 4 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Nordeste durante o período de 1995 a 2021. A Região Nordeste apresentou estabilidade nos vínculos ativos do setor nos primeiros anos analisados, tendo em sequência um crescimento,

alcançando seu pico máximo em 2010, chegando a 180.597 vínculos ativos, crescimento de 94% em relação ao ano de 1995. Após esse período apresentou pequena estabilidade e teve-se uma queda em seus vínculos ativos na indústria. De 1995 a 2021, a Região Nordeste cresceu cerca de 51% em seus vínculos ativos.

Tendo em vista o exposto, é interessante observar que, a partir do Plano Real e da abertura comercial, ocorreu um deslocamento regional de empresas no mercado doméstico, que buscavam diminuir o custo de mão-de-obra. Assim, o Nordeste brasileiro e outras regiões com incentivos fiscais, foram os locais onde mais se teve esse deslocamento (KON; COAN, 2009). O Estado do Ceará é o que mais se destaca em toda região nordestina, principalmente na região metropolitana de Fortaleza.

Gráfico 4 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Nordeste (1995 a 2021)

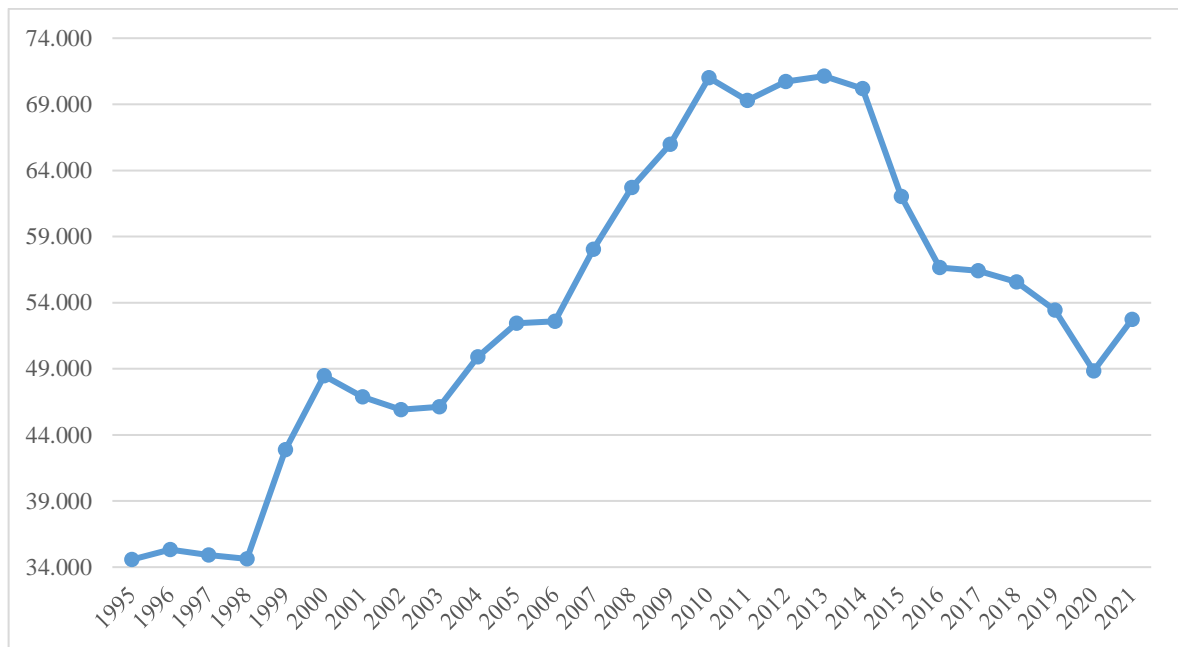


Fonte: RAIS (2021).

O Gráfico 5 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado do Ceará durante o período de 1995 a 2021. No Estado do Ceará está localizada a maior indústria têxtil do Nordeste, tendo 37% dos vínculos ativos de toda Região Nordeste. De 1995 a 2010, o Ceará saiu de 34.567 para 71.006 vínculos ativos na indústria têxtil, aumento de 105%. Em 2021 acumulou 52.744 vínculos ativos, equivalente a 6,5% de vínculos ativos de toda a indústria têxtil brasileira, tendo um encolhimento de 25% em relação ao ano de 2010. De 1995 a 2021, o Estado do Ceará obteve um crescimento de 52% de vínculos ativos.

Por ser a principal indústria têxtil no Nordeste, seus vínculos ativos demonstram a mesma variação em seus números comparada a Região Nordeste. Assim, o Estado do Ceará conduz boa parte do ritmo de vínculos ativos da indústria têxtil na região nordestina brasileira. Seu principal polo industrial fica localizado na região metropolitana de Fortaleza. Emery (2007) argumenta que o estado passou a atrair investimento de grandes empresas têxteis a partir de 1995, por sua conjunção de incentivos, além da enorme quantidade de mão de obra barata disponível na região (EMERY, 2007).

Gráfico 5 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado do Ceará (1995 a 2021)

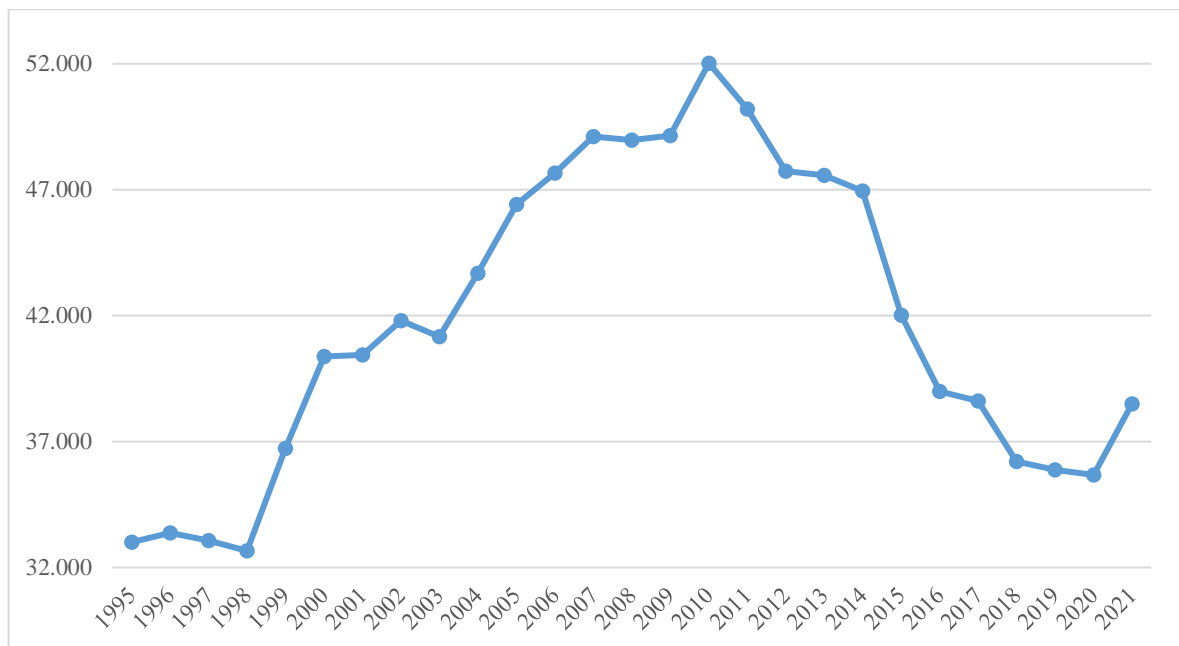


Fonte: RAIS (2021).

Pela representatividade da oferta cearense, vale observar a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião Metropolitana de Fortaleza durante o período de 1995 a 2021. Em 1995, a Metrôpole de Fortaleza obtinha 33.011 vínculos ativos empregados no setor, o que correspondia a 95,5% de todo o Estado do Ceará. A partir de 1998, a região iniciou um crescimento em seus vínculos ativos, até o ano de 2010, onde o número chegou a 52.023, aumento de 56,6% em relação a 1995. Este crescimento está atribuído em partes ao deslocamento da indústria têxtil da Região Sudeste a partir da abertura econômica, onde empresas buscando diminuir seus lucros, acabavam por se deslocar de grandes centros em busca de mão de obra barata.

A partir de 2010, a mesorregião metropolitana de Fortaleza, teve encolhimento em seus vínculos ativos, chegando a 38.498 em 2021, queda de 30%. Em 2021, a região representa 73% dos vínculos ativos da indústria têxtil de todo o Estado do Ceará. De 1995 a 2021, a região teve crescimento de 16,6% de vínculos ativos.

Gráfico 6 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião Metropolitana de Fortaleza (1995 a 2021)

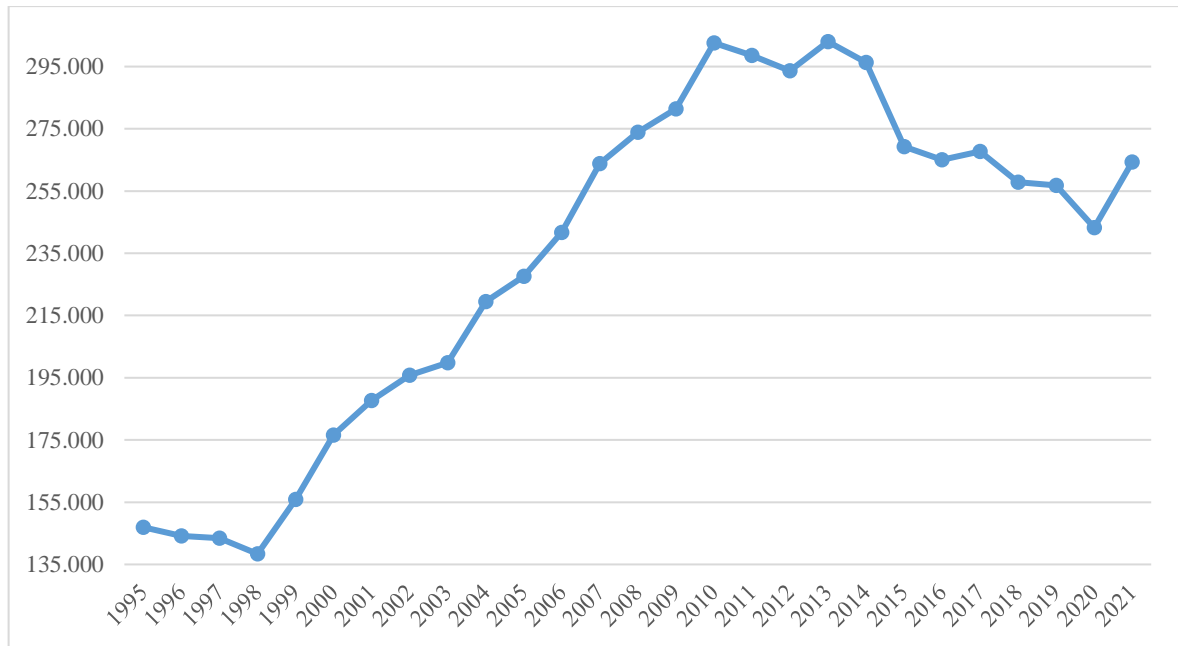


Fonte: RAIS (2021).

O Gráfico 7 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Sul durante o período de 1995 a 2021. Apesar da queda registrada nos primeiros anos analisados, a Região Sul apresentou grande crescimento a partir de 1999, chegando a 303.018 vínculos ativos na indústria têxtil em 2013, crescimento de 106% comparado ao ano de 1995. Em números absolutos, a Região Sul foi a que mais apresentou crescimento em seus vínculos ativos na indústria, saindo de 146.930 em 1995 para 264.285 vínculos ativos em 2021.

O Estado de Santa Catarina é o que mais se destaca na Região Sul, tendo o Vale de Itajaí como sua principal indústria têxtil, sendo hoje a maior do Brasil. Em 2020, a Região Sul tinha o equivalente a 28% de participação na produção de têxteis e vestuário. Assim como a região nordestina do Brasil, o Sul também recebeu o deslocamento de empresas que buscavam diminuir o custo de mão-de-obra.

Gráfico 7 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Sul (1995 a 2021)

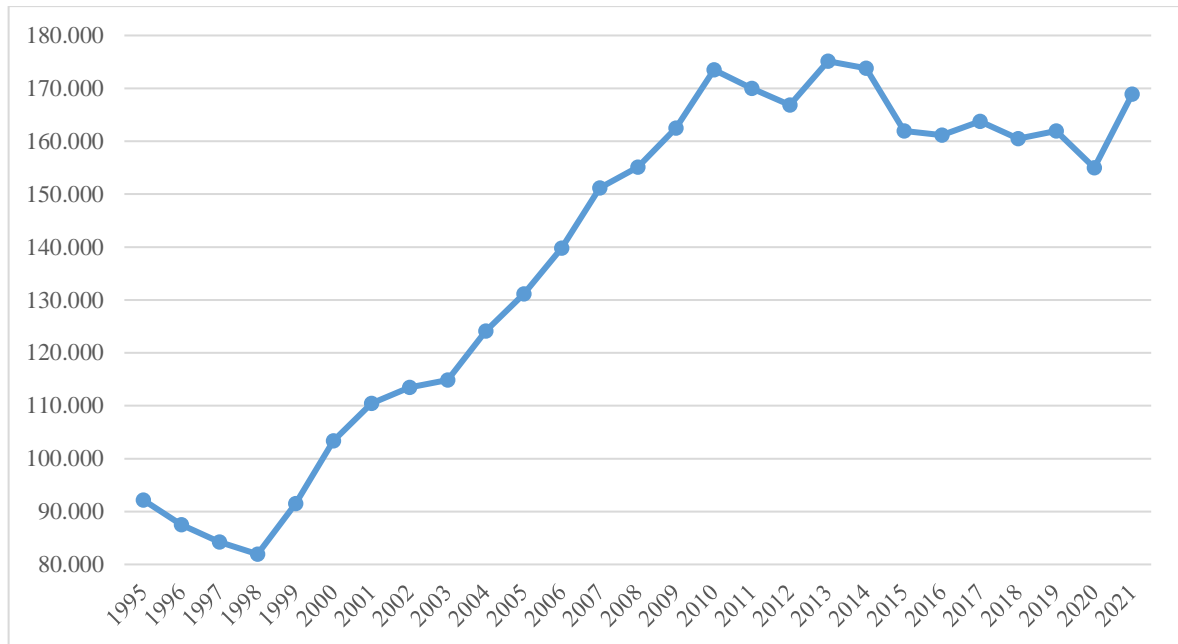


Fonte: RAIS (2021).

O Gráfico 8 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado de Santa Catarina durante o período de 1995 a 2021. Santa Catarina por ter a maior indústria da Região Sul, acaba por ditar o ritmo de toda Região. Assim, suas quedas e crescimentos alteram estatísticas da indústria têxtil na Região. No caso dos vínculos ativos da indústria têxtil, nos primeiros anos analisados nota-se uma queda, causado principalmente pela abertura econômica brasileira dos anos de 1990. A partir de 1999 o Estado de Santa Catarina registrou crescimento dos vínculos ativos, atingindo a marca de 175.124 em 2013, sendo seu maior registro nos anos analisados. De 1995 a 2021, o Estado de Santa Catarina atingiu 83,3% de seus vínculos ativos.

O Estado de Santa Catarina tem a segunda maior indústria têxtil do Brasil, ficando atrás apenas do Estado de São Paulo. Santa Catarina concentra cerca de 15% das empresas do setor têxtil brasileiro, equivalente a 4,9 mil indústrias têxteis no Estado. No Estado catarinense se encontra um dos maiores polos têxteis da América Latina, o Vale do Itajaí, com expressiva inserção no mercado internacional.

Gráfico 8 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado de Santa Catarina (1995 a 2021)



Fonte: RAIS (2021).

O Brasil no ano de 2020, a balança comercial da cadeia têxtil apresentou déficit, e, apesar do saldo negativo em US\$ 263 milhões, o saldo foi menor do que o ano anterior, 2019, onde o déficit da balança comercial foi de cerca de US\$ 1,7 bilhão. Com exceção de fibras, o restante dos componentes têxteis apresentou igual déficit (IEMI, 2021).

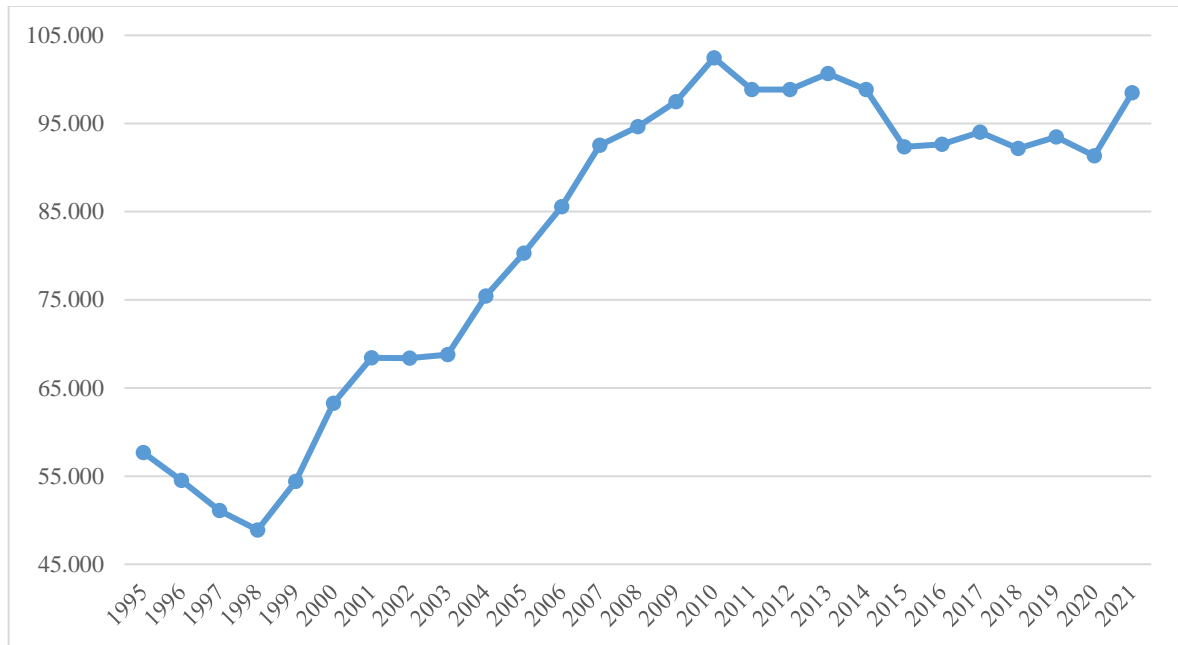
No Estado de Santa Catarina está localizado o polo do Vale do Itajaí. O Gráfico 9 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião do Vale do Itajaí durante o período de 1995 a 2021. Assim como nos primeiros anos analisados do Estado de Santa Catarina, a Mesorregião do Vale do Itajaí, apresentou queda em seus vínculos ativos na indústria têxtil entre 1995 e 1998, saindo de 57.654 para 48.889, redução de 15%. Logo após essa redução nos vínculos ativos, o polo têxtil do Vale do Itajaí chegou em 2010 a marca de 102.448 vínculos ativos na indústria, crescimento de 109,5% em relação a 1998.

Diferente de outras regiões do Brasil, o Vale do Itajaí, assim como o Estado de Santa Catarina, suportou bem o encolhimento nos vínculos ativos na indústria, a partir do ano de 2010. Em 2021, a Mesorregião obteve 98.487 vínculos ativos, um encolhimento de menos de 4% comparado ao ano de 2010. De 1995 a 2021, o Vale do Itajaí teve um crescimento de 70,8% em seus vínculos ativos.

Sobretudo, de acordo com Souza e Estevam (2019), apesar dos bons números em relação aos vínculos ativos da indústria, o setor catarinense, assim como o de todo o país, vem

sofrendo nos últimos tempos devido à recessão da economia nacional. O aumento nas importações chinesas e problemas de logística impactam a competitividade do setor na região (SOUZA; ESTEVAM, 2019).

Gráfico 9 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião do Vale de Itajaí (1995 a 2021)



Fonte: RAIS (2021).

O Gráfico 10 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Sudeste durante o período de 1995 a 2021. Por ter a maior indústria têxtil e possuir a maior quantidade de vínculos ativos no Brasil, podemos observar que a variável analisada para a Região Sudeste possui as mesmas características daquela apresentada para análise nacional (Gráfico 1).

A Região Sudeste tem a principal indústria têxtil nacional. Deste modo, observa-se que nos primeiros anos analisados, 1995 a 1998, houve queda nos vínculos ativos da indústria têxtil. Porém, diferente do mostrado no Gráfico 1, a Região Sudeste apresenta maior queda nos vínculos ativos. O motivo desta queda mais acentuada pode ser pelo fato de a Região Sudeste ter tido a maior indústria têxtil na época, que alimentava o mercado nacional, assim, com o aumento das importações, o setor nessa Região foi a mais afetada.

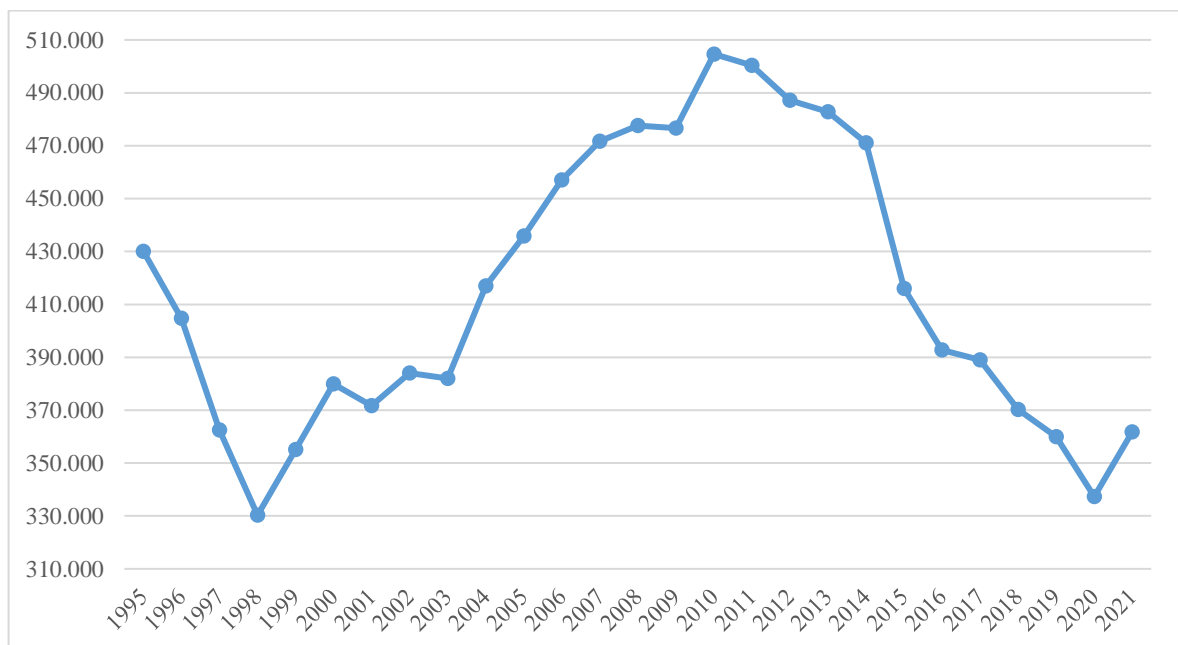
De 1995 a 1998, houve encolhimento de 23% nos vínculos ativos da indústria têxtil. Após anos de aumento, em 2010, a Região Sudeste registrou 504.650 vínculos ativos. Em 2021 o número foi menor, com 361.775 vínculos ativos, uma redução de 15,9% em relação ao ano

de 1995, onde registrou 430.070 vínculos ativos na indústria têxtil. Este encolhimento, deve-se a interiorização da indústria têxtil, logo após a abertura econômica que causou o deslocamento regional de empresas têxteis, procurando uma redução nos custos.

A aproximação das relações comerciais entre o Brasil e a China, elevou o nível de exportações do país, porém aumentou de forma relevante as importações. O Brasil passou a importar produtos finais da China por ter um preço mais competitivo, o que acabou impactando diretamente a indústria têxtil brasileira. O aumento da quantidade de importações cresceu a proporções maiores que a quantidade de exportações, assim, fazendo com que a balança comercial do setor têxtil, mantivesse negativa ao longo do tempo de 1998 a 2015 (FILLETI; BOLDRIN, 2020).

De acordo com o IEMI (2021), em 2020 a Região Sudeste tinha 27,3% de participação na produção de têxteis e vestuários. Em 1995, o Sudeste representou 62% de todos os vínculos ativos da indústria têxtil brasileira, porém em 2021 a Região representou quase 45% de seus vínculos ativos. De todas as Regiões brasileiras, a Região Sudeste foi a única que teve uma diminuição de seus trabalhadores.

Gráfico 10 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Região Sudeste (1995 a 2021)



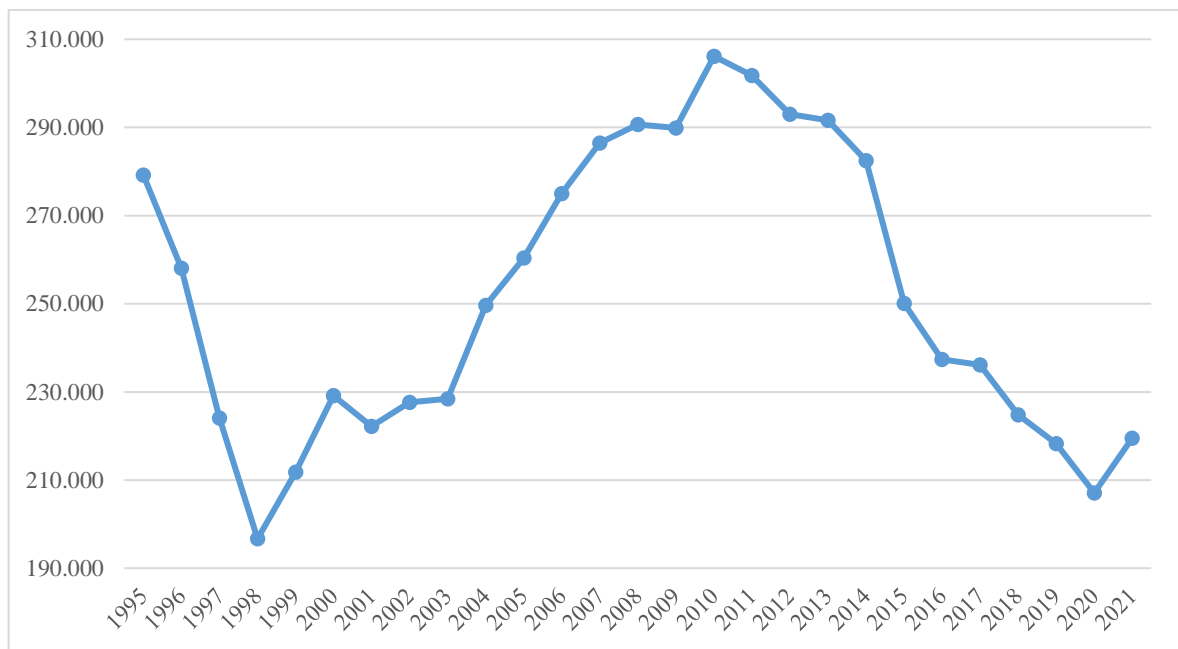
Fonte: RAIS (2021).

O maior complexo têxtil brasileiro fica localizado no Estado de São Paulo, a Mesorregião de Campinas, no qual está localizado o polo de Americana. O Gráfico 11 apresenta

a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado de São Paulo durante o período de 1995 a 2021. Assim como mostrado acima, a situação dos vínculos ativos na indústria têxtil do Brasil e na Região Sudeste, o Estado de São Paulo se comporta da mesma forma, com quedas e crescimentos no mesmo período.

De 1995 a 1998, o Estado de São Paulo obteve sua primeira queda acentuada nos vínculos ativos da indústria, caindo de 279.204 vínculos ativos para 196.670 em 1998. Isso representa queda de quase 30% de seus vínculos ativos na indústria têxtil. Em 2010, o Estado de São Paulo atingiu seu maior número de vínculos ativos, totalizando 306.149. Após esse período, o Estado de São Paulo viveu nova queda nos vínculos ativos, chegando em 2020 com 207.069. Em 2021 o número passou para 219.517, este valor representa 27% de todos os vínculos ativos da indústria têxtil brasileira. De 1995 a 2021, o Estado de São Paulo encolheu em termos relativos 21% de seus vínculos ativos.

Gráfico 11 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil no Estado de São Paulo (1995 a 2021)



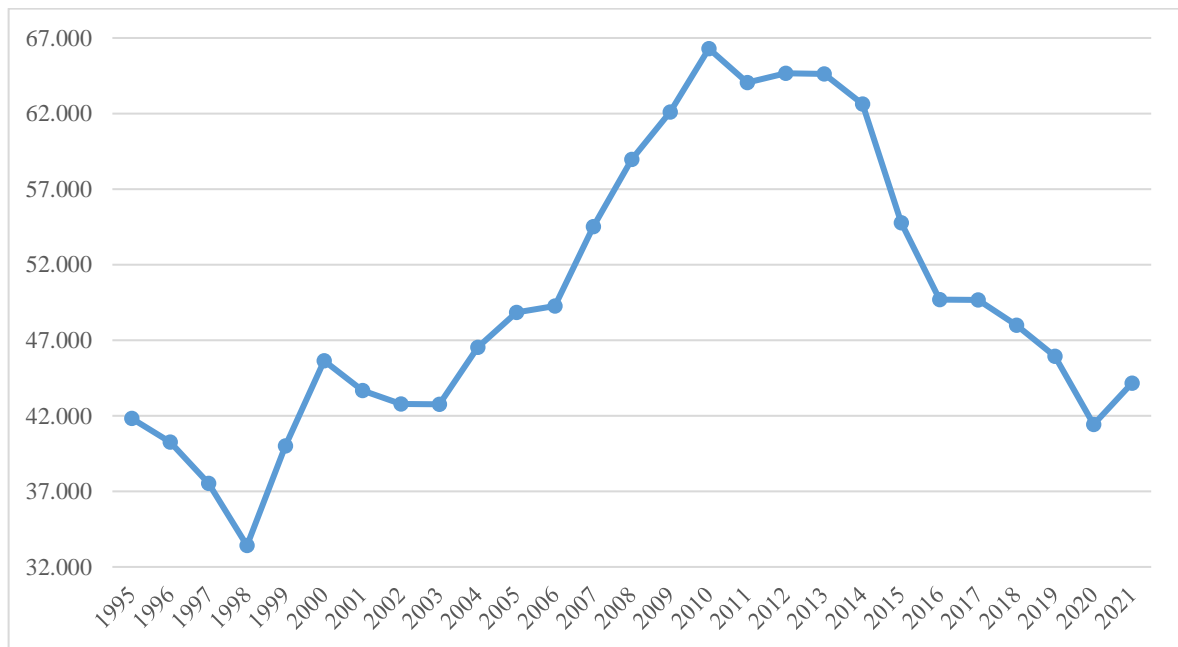
Fonte: RAIS (2021).

Por fim, temos a Mesorregião de Campinas, localizada no Estado de São Paulo. Também se encontra o principal polo têxtil brasileiro, Americana. A Gráfico 12 apresenta a quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião de Campinas durante o período de 1995 a 2021. A Mesorregião de Campinas apresenta, assim como o Estado de São Paulo,

um encolhimento entre os anos de 1995 e 1998, caindo de 41.837 para 33.412 vínculos ativos na indústria têxtil, redução de 15,2%.

Assim como as demais regiões, Campinas também sofreu forte impacto com o aumento das importações, pois acabou perdendo competitividade do produto nacional em relação aos produtos asiáticos. Além disso, a diferença industrial foi mais um fator para a queda de competitividade, pois até então a indústria nacional se encontrava defasada em comparação a indústria têxtil asiática (EMERY, 2007).

Gráfico 12 - Quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil na Mesorregião de Campinas (1995 a 2021)



Fonte: RAIS (2021).

Após 1998, a região começou a aumentar os vínculos ativos, chegando em 2010 a 66.295, um crescimento de 98,4%. A partir de 2010, Campinas apresentou queda em seus vínculos ativos, terminando 2021 com 44.156 vínculos ativos, encolhimento de 33,4% em relação a 2010. Porém, comparado a 1995, a Mesorregião de Campinas teve crescimento de 5,5%, diferente do observado no Estado de São Paulo, onde houve queda do número de empregos formais na indústria têxtil

Diante dos dados apresentados, pode-se verificar que o mercado de trabalho têxtil no Brasil sofreu importantes oscilações no período pós-estabilização. Houve queda durante os primeiros anos da abertura econômica e valorização da moeda nacional, sendo causada principalmente pela forte concorrência asiática. A Região Sudeste, principal região têxtil do

país, concentrava 62,5% do mercado de trabalho do setor têxtil no ano de 1995, porém após a abertura econômica, acabou resultando num deslocamento relativa da indústria têxtil para outras regiões do Brasil. Em 1998, a Região Sudeste passava a concentrar 56,6% dos trabalhadores. Em 2021, a Região Sudeste passou a concentrar 44,4% dos vínculos. Outras regiões também foram afetadas nesse primeiro momento de abertura econômica, mas com menos intensidade, como foi o caso da Região Sul.

A Região Sul foi uma das regiões que mais se beneficiou desse deslocamento. O Estado de Santa Catarina, que em 1995 representava apenas 13,3% do mercado de trabalho, em 2021, passou a concentrar 20,9% de todo o mercado de trabalho do país. Esse crescimento foi determinado, principalmente, pela Mesorregião do Vale de Itajaí, que aumentou seu mercado de trabalho têxtil em 70,8% entre os anos de 1995 e 2021.

De todas as regiões, o Sudeste foi a única que apresentou encolhimento entre os anos de 1995 e 2021. A Região Sudeste mostra uma tendência de encolhimento relativo a todo o mercado de trabalho formal têxtil nacional. Sobre a natureza do trabalho na região Sudeste, vale problematizar ainda outras questões em razão do perfil do trabalho gerado, tal qual apresentada por Leite (2004, p. 252):

Essa análise da composição da força de trabalho nos permite concluir que a indústria têxtil e do vestuário vem adotando largamente o uso da mão-de-obra barata como estratégia de competitividade, com ênfase na utilização de trabalhadores que se concentram nas oficinas de costura e no trabalho a domicílio, onde abunda o trabalho sem carteira assinada e por conta própria. Entre eles, destaca-se uma alta porcentagem de mulheres, pardos e pessoas de menor grau de instrução extremamente mal remunerada, que, como assinala a análise do Desep, "funcionou como o meio privilegiado de efetivação de uma competitividade 'espúria' que sustentou boa parte da indústria nos anos recentes" [...].

A citação acima, nos leva a uma a discussão referente ao trabalho informal. Mais de 90% da produção em São Paulo é fabricada por micro e pequena empresas, englobando oficinas de pequeno porte ou trabalho em domicílio. Essa particularidade está vinculada às demandas de produção, que se caracterizam por serem aceleradas com baixo custo. Desta forma, acaba estimulando a terceirização e a quarteirização da produção, baixo salário e irregularidades trabalhistas, além de precária. Estima-se que no Estado de São Paulo existam entre 12 e 14 mil oficinas de pequeno porte, as quais operam em condições precárias (AGUILERA, 2022).

O setor trabalhista da indústria têxtil, sofre por problemas pelo desgaste do setor e por sua informalidade. A indústria têxtil é identificada por sua tecnologia defasada, utilizando a descentralização e a flexibilização, no intuito de diminuir os custos. Esse procedimento seria um dos fatores que levariam a terceirização e quarteirização, assim como outras características,

como: sonegação dos benefícios e direitos trabalhistas; intensificação do trabalho e extensão da jornada; irregularidade do trabalho e demanda variável de produção; insegurança financeira; informalidade; péssimas condições de trabalho. Problemas que acabam sendo maiores pela falta de acesso a dados sobre o setor, principalmente, o informal (LEITE et al, 2017).

Assim, a presente seção limitou-se a analisar o comportamento do mercado de trabalho formal da indústria têxtil, deixando de abordar o emprego informal e suas condições. O emprego informal têxtil é de enorme importância para um estudo mais detalhado, porém a dificuldade de acesso aos dados, acaba dificultando uma análise completa do mercado de trabalho têxtil. Além disso, as características e peculiaridades dos trabalhadores do setor, são de importantes contribuição para uma análise mais detalhada.

5 CONCLUSÃO

O complexo têxtil é um dos setores mais antigos no Brasil, importante originador de emprego e renda. Durante o tempo, o setor têxtil foi se moldando até chegar ao que é hoje. No século XIX, a Região Sudeste passou a acumular fábricas e se tornou a principal indústria têxtil brasileira.

A partir da década de 1990, o setor têxtil enfrentou um dos seus maiores desafios, após o plano de estabilização proposto pelo Plano Real que valorizou a moeda nacional, fortalecendo o poder de compra, além do processo de abertura econômica. Desde modo, a indústria têxtil passou por dificuldades em competir com a concorrência asiática, pelo fato de ser mais barato importar do que produzir nacionalmente, pois a indústria nacional estava muito defasada em comparação a indústria asiática.

A Região Sudeste, principalmente o Estado de São Paulo, foram os que mais sentiram nesse primeiro momento. Em busca de uma solução, empresas passam a deslocar para outras Regiões do Brasil e do interior de São Paulo. Este deslocamento se deu principalmente pelo baixo custo de mão de obra e incentivos fiscais. Assim, outras Regiões brasileiras passaram a aumentar suas indústrias têxteis e, conseqüentemente, seus trabalhadores.

Como visto anteriormente, a Região Sudeste foi a que teve o maior encolhimento de vínculos ativos após a abertura econômica, enquanto outras Regiões tiveram uma queda mais leve ou até mesmo um aumento nesse período.

Durante todo o período analisado, observa-se que o mercado de trabalho na indústria têxtil sofreu altos e baixos, principalmente causado pelo avanço dos produtos chineses. O mercado de trabalho do Brasil, apesar de sofrer uma queda a partir de 2010 diante do aumento das importações de produtos chineses, conseguiu chegar em 2021 com um crescimento na quantidade de vínculos ativos da indústria têxtil, assim como todas as Regiões menos a Região Sudeste, que apresentou uma queda. Apesar de vir perdendo força durante os anos, o Sudeste segue sendo a principal indústria têxtil do país e ainda possui a maior quantidade de trabalhadores.

A Região Sudeste tende a cada vez mais diminuir o número de trabalhadores, enquanto as demais Regiões, principalmente a Região Sul, inclinam-se a aumentar. O Vale do Itajaí, durante todo o período analisado, foi o que mais se beneficiou desse deslocamento, sendo hoje o maior polo em quantidade de vínculos ativos na indústria têxtil.

A China a partir de 2009, se aproximou cada vez mais do Brasil, se tornando o principal parceiro comercial. Apesar do avanço Chines sobre o mercado nacional, prejudicando o

mercado de trabalho no setor, o mercado de trabalho na indústria têxtil brasileira tem uma expectativa de crescimento, principalmente na Região Sul, região que mais aumentou a quantidade de trabalhadores, um crescimento de 11,22% de 1995 a 2021, quanto a Região Sudeste, teve um encolhimento de 17,35% no mesmo período. Podendo dessa forma, a Região Sul, algum dia ser o principal mercado de trabalho na indústria têxtil brasileira, necessitando ultrapassar o Sudeste brasileiro que ainda se mostra a principal no mercado de trabalho.

Sendo assim, foi possível entender o motivo do movimento da indústria têxtil e o deslocamento de trabalhadores, saindo de grandes centros e se deslocando para interiorização têxtil no Brasil. Encerrado o presente estudo, podem ser sinalizados determinadas limitações na análise, as quais poderão ser exploradas futuramente. Inicialmente pode-se indicar dados temporais sobre a produção têxtil dos estados e regiões, tendo em vista a comparação entre os trabalhadores e produção, a fim de observar a relação entre ambos. Além disso, a análise limita-se a falta de dados sobre o trabalho informal, pela dificuldade e falta de dados sobre o emprego informal no setor, acaba-se não contemplando totalmente a dimensão do mercado de trabalho têxtil. E por fim, uma análise sobre as características e peculiaridades dos trabalhadores da indústria têxtil, para uma melhor compreensão e análise do mercado de trabalho têxtil.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, J. Mulheres na costura: informalidade e violência seguem presentes na indústria da moda em São Paulo. **Modifica**. Set., 2022. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/mulheres-na-costura-informalidade-e-violencia-seguem-presentes-na-industria-da-moda-em-sao-paulo/>. Acesso em: jan. 2023.

ARAGÃO, E. F. (coord.). **O fiar e o tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará**. 1. ed. Ceará: Fortaleza, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO [ABIT]. **Perfil do Setor**. Disponível em: <<https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>>. Acesso em: out. 2022.

BEZERRA, F. D. **Análise Retrospectiva e Prospectiva do Setor Têxtil no Brasil e no Nordeste**. Banco do Nordeste. Informe Macroeconômico, Indústria e Serviços, Fortaleza, ano VIII, n. 2, 2014.

BORJAS, G. **Economia do Trabalho**. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda., 2012. E-book. ISBN 9788580550641. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580550641/>>. Acesso em: set. 2022.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS**, 2022. Disponível em: <<https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>>. Acesso em: out. 2022.

CNI, CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. 2023. Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/cni/>>. Acesso em: fev. 2023.

EMERY, M. de M. **O impacto da abertura ao comércio exterior da década de 1990 no setor têxtil brasileiro**. São Paulo: PUC, 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3822/1/Marcio%20de%20Morais%20Emery.pdf>>. Acesso em: out. 2022.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA [ENAP]. **Curso ASP-Macroeconomia**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/2282>>. Acesso em: dez. 2022.

FILHA, D. C. M.; CORRÊA, A. O Complexo Têxtil. In: SÃO PAULO, Elizabeth Maria De; KALACHE FILHO, Jorge (Org.). **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social 50 anos: histórias setoriais**. Rio de Janeiro: Dba, 2002. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/12954/1/BNDES%2050%20anos%20-%20Historias%20Setoriais_O%20complexo%20Textil_P_BD.pdf>. Acesso em: nov. 2022.

FILLETI, J. de P.; BOLDRIN, R. A indústria têxtil no Brasil: um modelo econométrico analisando a hipótese de desindustrialização setorial. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 3 (70), p. 861 - 890, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ecos/a/mVnzNqypchK4xnrqXnJ3QC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: jan. 2023.

- FONSECA, P. C. D. **O processo de substituição de importações. Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: José Márcio Rego e Rosa Maria Marques, 2003. Disponível em: <<https://professor.ufrgs.br/pedrofonseca/publications/o-processo-de-substitui%C3%A7%C3%A3o-de-importa%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: jun. 2022.
- FUJITA, R. M. L.; JORENTE, M. J. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. Florianópolis: **Revista ModaPalavra e-Periódico**, v. 8, n. 15, p. 153 - 174, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/5893>>. Acesso em: jul. 2022.
- GUIMARÃES, P. R. B. Análise de Correlação e medidas de associação. In: _____. **Métodos Quantitativos Estatísticos**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2008. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~jomarc/correlacao.pdf>>. Acesso em: jan. 2023.
- GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S. de; JR., R. T. **Economia Brasileira Contemporânea**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. E-book. ISBN 9788597010206. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597010206/>>. Acesso em: set. 2022.
- HAGUENAUER, L. et al. **Evolução das Cadeias Produtivas Brasileiras na Década de 90**. Texto para Discussão No. 786. ISSN 1415-4765. Brasília: IPEA, 2001. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/995/1/TD_0786.pdf>. Acesso em: nov. 2022.
- IPEADATA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – **Ipeadata**. 2023. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>>. Acesso em: fev. 2023.
- KON, A. **Tecnologia e trabalho no cenário da globalização**. In: DOWBOR, L. (Org.) **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KON, A.; COAN, D. C. Transformação da indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. São Paulo: **Revista de Economia Mackenzie**. v 3. n 3. 2009. Disponível em: <<https://biblat.unam.mx/hevila/RevistadeeconomiaMackenzie/2005/vol3/no3/1.pdf>>. Acesso em: out. 2022.
- LEITE, M. de P. Tecendo a precarização: trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo. **Trab., educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 239-265, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/gzWZChZQbdRtxKBCtjyb7fx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: jan. 2023.
- LEITE, M. de P.; SILVA, S. R. A.; GUIMARÃES, P. C. O trabalho na confecção em São Paulo: as novas formas da precariedade. **Cad. CRH (DOSSIÊ)**, Salvador, v. 30, n. 79, p. 51-88, jan./abr., 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/7N4ddYKK3JR95wBGBQz9tWM/?lang=pt>>. Acesso em: jan. 2023.
- LUCATO, W. C. et al. Gerenciamento da transferência internacional de tecnologia: estudo de caso na indústria têxtil brasileira. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 213-228, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gp/a/ZxJwBLFxCVdDKW8WJtMWHnf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: jan. 2023.

MARIUZZO, P. Diferenciação do produto: estratégia da indústria têxtil para enfrentar a concorrência estrangeira. **Inovação Uniemp**, Campinas, v. 3, n. 3, p. 6-9, mai./jun. 2007. Disponível em: http://inovacao.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-23942007000300002&lng=en&nrm=is&tlng=pt. Acesso em: jan. 2023.

NOVAIS, L. F. **A Indústria têxtil e de confecções no Estado de São Paulo**. São Paulo: Seade SP Economia. n 2. 2021. Disponível em: <<https://economia.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/15/2021/01/SpEconomia-janeiro-2021-industria-textil-confeccoes-estado-sao-paulo.pdf>>. Acesso em: jan. 2023.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/web/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>. Acesso em: nov. 2022.

OLIVEIRA, S. R. de; PICCININI, V. C. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. Rio de Janeiro: **Revista de Administração Pública**. 45(5):1517-538, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000500012>>. Acesso em: dez. 2022.

PRADO, M. V. IEMI Inteligência de Mercado. Brasil Têxtil 2021. **Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira**. São Paulo, v. 21, dez. 2021. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/xx/document/read/64962385/brasil-textil-2021-abit>>. Acesso em: jan. 2023.

PROCHNIK, V. A cadeia têxtil-confecções perante os desafios da Alca e do acordo comercial com a União Europeia. **Economia**, Niterói. v. 4, n. 1, p. 53-83, 2003. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n1p53_83.pdf>. Acesso em: jan. 2023.

SARAIVA, L. A. S.; PIMENTA, S. M.; CORRÊA, M. L. Globalização e reestruturação produtiva: desafios à indústria têxtil brasileira. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 68-82, jan./fev./mar., 2005. Disponível em: <http://rausp.usp.br/wp-content/uploads/files/V4001068.pdf>. Acesso em: jan. 2023.

SOUZA, M. P. de; ESTEVAM, D. O. Comparativo na geração de empregos na indústria têxtil nas mesorregiões de Campinas-SP e Vale do Itajaí-SC. In: CASTRO, A. C. **Administração: Princípios de Administração e Suas Tendências - Volume 2**. Guarujá: Editora Científica Digital, 2021. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-89826-46-0.pdf>>. Acesso em: out. 2022.

VIANA, F. L. E.; ROCHA, R. E. V.; NUNES, F. R. de M. A indústria têxtil na região nordeste: gargalos, potencialidades e desafios. **Revista Produção Online**. v. 8. n. 3. 2008. Disponível em: <<https://www.producaoonline.org.br/rpo/article/view/132/160>>. Acesso em: out. 2022.